O CAMPEÃO DAS PROVINCIAS

REDACÇÃO—J. E. d'Almeida Vilhena, Dr. J. M. Barbosa de Magalhães, Marques Gomes, Francisco de Magalhães e Firmino de Vilhena

ANNO XXXVII

Assignaturas: SEM ESTAMPILHA: Anno, 4$000 réis; Semestre, 2$000 réis; Trimestre, 1$000 réis; Avulso, 40 réis. COM ESTAMPILHA: Anno, 4$500 réis; Semestre, 2$250 réis; Trimestre, 1$125 réis; Avulso, 45 réis.—Pagamento adeantado.

PUBLICA-SE AS QUARTAS E SABBADOS

SABBADO 2 DE FEVEREIRO DE 1889

Publicações: Correspondencias particulares, 40 réis por cada linha, no typo commum do jornal. Annuncios, 30 réis por linha; Repetições, 20 réis, accrescendo o imposto do sêllo.—Recebem-se annuncios annuaes, mediante contracto especial.

NUMERO 3:765

E' um dos nossos correspondentes em Pariz **Monsieur A. Lorette.**—Rua Caumartin, 61.

SUMMARIO:—O ADDIAMENTO.—A VERDADE DOS FACTOS.—FAC-SIMILE.—LIÇÃO PROVEITOSA.—TEM GRAÇA.—O DESAFORO PARLAMENTAR.—A BARRA DE AVEIRO.—COMMISSÃO DISTRICTL.—O POLITICÃO MINISTERIAL.—CARTA DO PORTO..—NOTICIARIO. PROGRESSO EM COIMBRA.—CARTA DE LISBOA.—CARTA D'ANADIA.—SESSÕES PARLAMENTARES.—COMMUNICADOS.—SECÇÃO AGRICOLA: A PROPOSITO DO AZEITE, *por Visconde d'Altas Moras.*—SECÇÃO LITTERARIA: EGREJA DOS CLERIGOS, *por José Augusto Carneiro.*—PARTE OFFICIAL.—FOLHETIM, IVANHOÉ OU O REGRESSO DO CRUZADO.—CORREIO DE LISBOA.

AVEIRO

O ADDIAMENTO

Havia dois annos que a morte tinha prostrado no tumulo o heroe da epopeia regeneradora, quando maior desastre feriu este partido politico, mostrando á evidencia que ninguem ali tem auctoridade para moderar os impetos e as paixões dos mais irrequietos. Supunha-se até aqui, que a chefatura era exercida por um homem de letras, escriptor distincto, que por meio da subscripção de uma *coterie* tinha sido elevado ao logar vago, em vez de ser eleito pela assembleia geral dos notaveis da sua grey. Illusão piedosa era essa, porque no meio de correntes encontradas, o commando perteuce ao mais audacioso, e ninguem quer ouvir a voz da experiencia, antes parece que todos timbram em fazer obra pela propria inspiração.

Foi assim que a opposição parlamentar não obtempera a principios, nem quer saber do que convém ao paiz e ás instituições. E como no campo da discussão era impotente, entendeu que devia aventurar-se a proezas que pozessem mais em evidencia os seus recursos extra-legaes, attentando aberta e publicamente contra as prescripções do regimento e como que exanctorando-se ao transplantar a arruaça para o seio da representação nacional.

O que se passou na sessão de quarta-feira [illegible] inacreditavel. O pariato, o elemento conservador, abandonou a sala em que se achava reunido, desprestigiando-se unicamente para dar força ao *chinfrim* que os seus correligionarios estavam fazendo na assembleia representativa! Facto unico, realisado pela opposição que se diz regeneradora, que assim se associou de coração leve aos desacatos, que a bambochata punha por obra em outra parte do edificio. Os dignos pares da regeneração deixaram os seus logares, rasgando assim os diplomas outhorgados pela regia munificencia. Disparate monumental, que faz ver, que n'aquelle gremio póde hover homens de merecimento, mas o que de certo não ha, é homens d'estado. Porque os talentos politicos, se lá existissem, teriam indicado ao grosso da parcialidade, que nem sequer a indole da camara se compadecia com taes desmandos, que se acham fôra de todas as praxes, nem a conjunctura era azada para os levar a cabo.

Votava-se uma moção de confiança politica ao governo? Pronunciassem-se contra ella os fugitivos, em vez de abandonarem os seus logares, visto que as suas attribuições de legisladores vitalicios deviam pôl-os em circumstancias de não se deixarem fascinar pelas impressões de momento.

Isto quanto aos próceres. Com respeito aos que o não eram, o que se passou no corpo legislativo, não tem precedentes na nossa chronica constitucional. Viu-se nas eras calamitosas, quando a opinião publica se manifestava contra o governo de um modo espontaneo e sem incitamentos soprados ou sobrepoz-se, a opposição parlamentar, aliás reduzida em numero, sustentar lucta homerica com o poder, discutindo acaloradamente, combatendo com nobre desprendimento os actos governativos que reputava nocivos á administração ou aos administrados. Bons tempos eram esses, em que ainda havia crenças, em que o povo tomava parte nas contendas politicas, chegando até ao sacrificio da sua vida e dos seus haveres. Agora os ambiciosos recorrem á arruaça, e julgam que o doesto e o insulto são os meios de escalar o capitolio. Como tudo isto é pequeno, scenario, papeis e personagens!

A minoria regeneradora, que tem por chefe o sr. A. de Serpa, perturbou muito prepositadamente a regularidade dos trabalhos, mandando de vespera annunciar para o Porto, que n'aquelle dia se dariam graves acontecimentos na camara. Logo, quanto se passou na sessão de quarta-feira foi premeditado. Diz-se que se planeara o desaguisado nas duas casas parlamentares, para que coincidisse com os *meetings* de Monte-Bello e Villa Nova de Gaya, a fim de que o ministerio se visse forçado a dar a sua demissão. As arruaças no corpo legislativo conjunctamente com a sahida dos pares para fóra da sala, collocariam o governo na necessidade de recorrer ao poder moderador, para que a assembleia representativa fosse dissolvida, ou pelo menos para ser adiada a sessão por tempo determinado. E os regeneradores esperavam que a corôa não deferisse á proposta dos seus conselheiros responsaveis, e por tanto que estes se vissem compellidos a sollicitar a sua exoneração. Era isto o que se espalhava nos conventiculos e o que se disse para a provincia em cartas particulares.

Dispunham assim os regeneradores da vontade d'el-rei, como se fosse corrente entre elles que soara a hora do advento do seu partido, em menoscabo dos principios e dos legitimos interesses do paiz. E na insensatez com que planeavam a sua obra, esqueceu-lhes consultar dois factores importantes—a nação, que os repudia, e a corôa, de cuja privança se reputavam seguros.

E' certo que tornando-se a minoria *irrequieta* e *ingovernavel*, como a capitularam o *Correio da Manhã*, e o *Jornal do Commercio*, e os correspondentes do *Jornal do Porto* e do *Commercio do Porto*, todos genuinamente regeneradores, o adiamento era o expediente constitucional aconselhado pelas circumstancias. Uma facção que não tem consciencia dos seus deveres politicos e que dá ao paiz o mais repuguante espectaculo, que póde representar-se n'uma assembleia composta de legisladores, dá tambem a bitola da sua capacidade, e não póde inspirar confiança a quem, como el-rei, possue a comprehensão das obrigações da sua elevada magistratura. Comicios preparados com parciaes vendidos ao soldo dos arruaceiros, deputados que não profeririam n'uma sala as insolencias com que feriram o decoro da tribuna, e pares do reino que renegaram as tradicções conservadoras de uma casa que engrandeceu nas luctas giganteas dos gigantes da palavra, tudo isto, se foi comedia risivel, revela a decadencia dos homens e dos partidos, a fraqueza dos chefes que deviam impôr-se á arraia miuda, e que pelo contrario, são por ella arrastados ao tremendal das mais estupendas contradicções.

A opposição está pois julgada pelos seus proprios actos. Podia ser esmagada no recontro pela valentia ou pelo numero dos adversarios. Vencida, seria gloriosa a sua derrota, porque nem sempre a maioria é a razão. Mas prostrada a [illegible], cahia no meio dos tumultos e das infracções que commetteu. Suicidou-se pela intemperança. Victima de um erro de optica, abdicou, renegando as licções do mestre, atraiçoando o mandato, e proclamando *urbi et orbi*, que está morto o partido regenerador.

E por isso o conselho d'estado foi do parecer que devia ser adiado o parlamento. E as questões pendentes, que deviam merecer os cuidados e o zelo da opposição, já que protestava nos seus jornaes que havia de tomar contas seriissimas ao governo, foram por ella sacrificadas á ambição incommensuravel, supondo que as pastas são attributo de arruaceiros encartados!

Que a licção aproveite aos discolos, e preserve o paiz da sua tutella, que lhe traria amargos desenganos!

A VERDADE DOS FACTOS

Os dos comicios de Bello Monte e Villa Nova, em vez de se reunirem para sollicitarem a intervenção d'el-rei e da rainha em beneficio dos operarios, que os dos vinhos pozerum na rua para que fizessem desordens, deviam ter dirigido aos srs. Andressen & C.ª a seguinte deprecação:

«Para que fechastes os vossos armazãos? Que temos nós com que se criem companhias vinicolas, para sermos despedidos, até que o governo se comprometta a revogar o decreto de 5 de dezembro? Não eramos nós bons trabalhadores? Não ganhavamos honradamente o nosso salario? Despedistes-nos. Deixastes-nos sem trabalho, para que nós e nossas familias morressemos de fóme, ou saissemos á rua a protestar contra os actos do governo, que nós não sabemos se são bons ou máus, porque só cuidamos do pão nosso de cada dia.

«Mas isto é uma barbaridade, srs. Que temos nós com essas questões para assim sermos punidos tão atrozmente? Allegaes, pela bocca dos vossos Romarizes, que a culpa é do governo. Mas porque não será vossa e só vossa, visto que sem motivo fechaes os armazãos, e fazeis despedir o pessoal das tanoarias? Assim não é ao rei, nem á rainha, que devemos dirigir-nos, mas a vós, srs. Andressen & C.ª, que sois os verdadeiros causadores das nossas desgraças. Por ordem vossa é que tudo se tem feito. E' pois a vós que cabe a responsabilidade de todos os nossos desgostos; porque abusaes da vossa riqueza para oprimir o pobre, não vos importando esmagal-o, para fazerdes ver lá fóra, que sois verdadeiros potentados, a cujo acenno comettem desatinos os que privastes de trabalho, sacrificando assim centenares de familias á ganancia, á cupidez e á indifferença por os males, que provocastes e que por capricho descaroavel não quereis remediar.»

Esta linguagem seria a expressão da verdade, que está ao alcance de todos, assim como se deprehende dos promotores dos comicios e dos telegrammas dirigidos ao paço da Ajuda, que se põe em jogo o embuste, a fim de obstar á criação das companhias vinicolas, que devem fomentar a riqueza da agricultura nacional.

FAC-SIMILE

Um trecho curioso. Ahi vae excerpto do *Jornal da Noite:*

«Abandonado (o governo) irrecusavelmente pela opinião (?), sem a virtude da confiança publica (?), advertido e reprehendido (?) formalmente pelo criterio da corôa, desamparado pela parte do proprio partido em que reside incontestavelmente o espirito tradicional d'elle, sem a auctoridade de uma orientação certa e conhecida, arrastando-se de contradição em contradição, a sua solidariedade politica consiste apenas no interesse egoista de ficar, confiado á connivencia e á subserviencia de um magote de individuos identificados com esse exclusivo interesse e que faz as vezes de maioria n'um parlamento simultaneamente condemnado a morrer dentro d'algumas semanas pela lei e pela opinião!»

Puff!... que cumprimento, ou antes que estopada. Parece todavia que o *Jornal da Noite* esteve a fazer o retracto do seu partido, fraccionado em differentes parcellas, sem prestigio no paiz, sem a confiança da corôa, e tendo só a dar-lhe alentos as arruaças e as gréves dos taes *individuos identificados com o interesse exclusivo*, que não querem ver repartir-se por outros, que teem direitos eguaes a elles!

Como o desalento obriga a dizer a verdade a estes publicistas, que em vez de arcabuzarem o governo, fazem a autopsia dos proprios correligionarios e amigos!

LIÇÃO PROVEITOSA

Quando na ultima sessão da camara dos pares se procedeu á votação da moção do sr. Henrique de Macedo, os pares serpios e unionistas entenderam que deviam sair da sala para por este modo protestarem contra as deliberações da camara.

Não comprehendeu, porém, do mesmo modo os seus deveres constitucionaes o sr. Barjona de Freitas, ficando com o sr. Jayme Moniz no seu posto de honra. E' uma lição mais que o illustre chefe esquerdista acaba de dar á tresloucada serpia.

Oxalá que ella lhe aproveite; mas julgamos bem que não, porque aquillo está já mais baixo do que o que de mais baixo existe.

TEM GRAÇA

Espalhou-se no Porto que o sr. Arroyo iria á camara na quinta-feira para deitar o governo a terra. Que collosso! Que gigante! Que temperamento herculeo o d'este extraordinario Golias da nova era!

O caso é que o illustre ar. foi, e, embora o gabinete se sinta cada vez mais forte, e cada vez mais digna e energicamente repilla as arremettidas e os espinoteamentos da cohorte opposicionista, o grande heroe, o grande trovador lá *correu a salvar-te, ó serpia infelice.* E dizem que os mortos se não erguem ás vezes da campa!

Na força louca do seu enthusiasmo cego, esta pobre gente attribue-lhe uma influencia e um predominio politico que elle não tem, que ninguem póde reconhecer-lhe; mas, como assim o queiram, assim o tenham. Tem graça e não offende.

O DESAFORO PARLAMENTAR

E' d'um collega nosso, insuspeito—porque não é francamente governamental—o seguinte artigo:

A' hora a que começamos a tracejar estas linhas, é-nos completamente desconhecida a resolução que será tomada pelo conselho de estado em face dos ultimos desaforos do parlamento. E' claro, todavia, que qualquer que possa ser a responsabilidade que a solução dos ultimos desvarios opposicionistas imponha a esse elevado corpo politico, a necessidade de restituir o parlamento á sua dignidade e *ao prestigio* que lhe devem ser inherentes e o poder executivo ao justo acatamento que merece, obrigam os mais altos poderes a medidas que, sem serem violentas, é certo, devem com tudo ser tão energicas como excepcionaes.

Os ultimos desaforos da opposição nem se commentam nem se discutem. Seriam a vergonha, o descredito e a condemnação do systema parlamentar se homens que assim procedem porventura podessem desacreditar algum principio politico ou cobrir de opprobio alguma instituição. Nos ultimos motins de S. Bento, tão desvairados como indecorosos para quem anda com o faro no poder, vemos sómente a condemnação do chamado partido regenerador, tornado de legião gloriosa em partido aventureiro, pela falta de um homem que o possa conter e dominar pelo prestigio indiscutivel da sua auctoridade. Sem chefe, sem sentimentos politicos, sem ideal, sem pensamento que o extreme de um corpo de facciosos para o qual a insolencia é uma arma e o motim um argumento, a regeneração segue á matroca, ao acaso, sobre o mar das aventuras, persuadindo-se de que logrará alcançar, á pedrada, um poder que já desesperou de conquistar pela razão e pelo direito.

Não!—o descredito, a vergonha não é nem para o systema politico por que nos regemos nem para a dignidade parlamentar. O descredito é unicamente para quem, sem chefes nem conselhos de prudencia, se convence de que para derribar uma situação basta a grosseria da phrase incorrecta e baixa, ou ainda os estilhaços das bancadas descosidas e desfeitas. Não! nunca as circumstancias impozeram mais eloquentemente a um governo o dever de ficar aonde está. Ceder a quem? Ao desaforo insolente de uma opposição desvairada, que anda nas praças e nas ruas lisongeando todos os aggravos—ainda os mais injustos—, e no parlamento elevando o acinte a fóros de discussão? Nunca!—o governo que tal fizesse, o alto poder do estado que em tal passo consentisse teria lavrado a sentença de morte, não só ao regimen parlamentar, como á propria constituição por que nos governamos e queremos reger.

Em todo o caso attente o governo no fructo da sua bella obra, quando, levado por sugestões indignas ou grosseiras, dava e tirava candidaturas á porta fechada na balança porca e torpissima dos *accordos*. Muitas vezes que hoje o investem, n'um despejo oratorio verdadeiramente reles, jámais teriam ecco n'aquella casa se os *accordos* não fossem a solução politica mais acceitavel dos nossos ultimos tempos. Ahi teem o fructo d'esses negocios, revejam-se na sua bella obra, diante da qual é preciso ter uma confiança enorme nos modernos principios politicos e sociaes, para não descrer da efficacia de um systema que póde dar d'estes espectaculos quando os homens descem tão baixo, mas que por isso mesmo nos prova que foi feito para dias de verdadeiro patriotismo, de mais fé e de mais alta consciencia.

Portanto, reconhecendo que da repetição e impunidade das ultimas vergonhas parlamentares pódem seguir-se gravissimos perigos, aconselhamos o governo a que assuma uma attitude energica e forte, á altura dos desvarios que importa reprimir. A causa da ordem é a sua; o seu dever é sustental-a, já que dos extremos da sua tolerancia souberam os insensatos tirar titulo e razão da sua insolencia de hoje. Um governo que transigisse com as ultimas vergonhas seria não só um governo fraco e indigno, mas tambem um governo traidor á patria, pois que poria nas mãos de arruaceiros sem força nem prestigio o direito de nos dirigirem e de nos governar. Isso poderlh'o-hão perdoar os indifferentes, os *dilettanti* de todos os partidos:—mas quem jámais o indultaria de semelhante humilhação seriam os homens sinceramente liberaes, esses para quem a [illegible] perigos e riscos, é mil vezes preferivel ao cezarismo insolente de uma dictadura filha do acaso, ou ao absolutismo irracional, que nos póde dar reis como Sancho II, como Affonso VI, ou como o idiota da Bemposta.

Ao governo importa, pois, occupar o seu posto de honra, e pacificar o parlamento exactamente como acaba de pacificar as *gréves*. E' o unico caminho que lhe resta a seguir. Cahir ou demittir-se, nunca! Quando o fizer deve ser diante de um inimigo poderoso—jámais em frente de um espantalho, que o paiz conhece, de mais, para que o possa temer.

Pensa como nós o collega que ainda se pronuncia pela causa da ordem e da moralidade. Proceda o governo assim, desarme, mesmo pela força, visto que assim o querem, os arruaceiros, e terá conquistado as bençãos do paiz que não é a garotagem que o combate.

A BARRA D'AVEIRO

Damos n'este logar a portaria que confirma o que dissemos no n.º passado sobre a prompta solução que tiveram os nossos pedidos sobre o assumpto.

«Tendo a camara municipal do concelho de Aveiro representado sobre o mau estado em que se acha a barra de Aveiro, pedindo immediatas providencias, que melhorem as condições da mesma barra: ha Sua Magestade El-Rei por bem nomear uma commissão, composta dos engenheiros do 1.ª classe do corpo de engenheiros de obras publicas, o conselheiro Adolpho Ferreira de Loureiro, director da 3.ª circumscripção hydraulica, que servirá de presidente, Joaquim Pires de Sousa Gomes, vogal addido da junta consultiva de obras publicas e minas, e Augusto Luciano Simões de Carvalho, director da 2.ª circumscripção hydraulica, devendo a mesma commissão constituir-se com a possivel brevidade, e examinar circumstanciadamente as condições actuaes da referida barra, propondo em seguida o que tiver por mais conveniente para se conseguir o seu melhoramento.—Paço, em 28 de janeiro de 1889.—*Emygdio Julio Navarro.*

Para o conselheiro director geral de obras publicas e minas.»

Resta agora que a commissão não demore a sua vinda e em seguida a conclusão dos seus trabalhos.

COMMISSÃO DISTRICTAL

RESUMO DAS DELIBERAÇÕES TOMADAS EM SESSÃO DE 22 DE JANEIRO DE 1889

Deferiu os seguintes pedidos:

De Maria das Dores Saraiva de Mello Brandão, solteira, d'esta cidade, e Eduarda Roza de Jezus, viuva de Bento José Valente, da freguezia do Valle, concelho da Feira, para serem admittidas, como desvalidas, no azylo escola districtal, suas filhas Rozalia e Fernanda, ambas de 7 annos d'idade.

Deliberou representar ao governo, pedindo que sejam estudados por uma commissão de engenheiros os melhoramentos da Barra e interior do porto maritimo d'Aveiro, e que as obras a executar sejam dadas por empreitadas com praso curto e certo para bem da navegação e das industrias da pesca, do sal e da agricultura, e em proveito do proprio Estado, attendendo ás más condicções em que a mesma Barra e porto se acham.

Deliberou enviar ao governo, para os fins convenientes, a copia da parte da acta da sessão da Junta Geral de 21 de novembro ultimo, em que elevou o ordenado do continuo da mesma Junta.

Deliberou não suspender a deliberação da camara municipal d'esta cidade, de 10 do corrente mez, que aposentou com o ordenado por inteiro o facultativo do partido João Maria Regalla.

Deliberou não suspender a deliberação da camara municipal de Ovar de 16 do corrente, em que resolveu a construcção d'uma avenida na costa do Furadouro, do mesmo concelho.

Deliberou não suspender as deliberações das camaras municipaes de Sever do Vouga e Albergaria a Velha, ácerca dos seus orçamentos ordinarios para o corrente anno civil de 1889, com restricções sobre subsidios pedidos para instrucção primaria.

O POLITICÃO MINISTERIAL

FOZCÔA, 1 DE FEVEREIRO DE 1889.

Passeia ás vezes pela rua d'esta villa uma creatura anafada, com papo sobre os olhos, papo debaixo do queixo e papo no cachaço, todo papo e todo côxas, revendo sumo oleoso por todos os póros, imagem do verdadeiro comilão da meza do orçamento. Este homem é paciente e soffredor como um cadeirinha e amigo da ordem como qualquer presidente da assembleia geral. Nunca appareceu n'uma eleição renhida. Quando, porém, se falla contra o governo faz bravuras, e é curioso vêl-o passar no Hospital de cabeça alta, batendo a bengala, e ouvil-o fallar, com arreganho digno de melhor paga no centro d'uma grande roda de eleitores de jaqueta. E' sempre dos primeiros a incumbir-se de angariar assignaturas para qualquer protesto ou representação ás camaras, em desabono do que tenha proposto o ministerio e orgulha-se todo com a incumbencia. Ao resto não passa de capacho ou quando muito de primeiro degrau por [illegible] do que velhaco. Mandou publicar ha tempos um telegramma no *Jornal de Noticias* que deu bem a conhecer o nosso parlapatão politico. Encarrega de vez em quando os financeiros de nervo de fazerem a sua assuada porque os mantenedores do equilibrio social formigam n'este bemdicto solo; a loja de mercearia mais besuntada, o botequim e a taberna mais indecente, a sala do barbeiro mais pobre é um areopago, onde se discutem as leis e se peza o futuro da patria com notavel justeza.

Pois em tudo isto manda e commanda o nosso homem com certa auctoridade. Para demonstrarmos esta nossa asserção transcrevemos o seguinte edital que affixou nos logares mais publicos:

«O centro regenerador de Fozcôa usando do poder que lhe confere o seu governador Phoca: Em virtude da grande victoria alcançada no dia 7 de Janeiro na eleição dos 40 maiores contribuintes, e para que assim succeda os annos subsequentes, houve por bem decretar o seguinte, ficando revogada a legislação em contrario: Nomeamos administrador effectivo do concelho ao Chiote, pelos serviços que tem prestado e continua prestando na imprensa ao Silvano e Figueirôa, no Porto.

Pode tomar o seu logar e o diploma está n'esta secretaria: Nomeamos o Carlos Tavares e o Padre Carona para professores complementares; venham buscar os diplomas que já estão assignados pelo governador Cabinho: Nomeamos para chefe do batalhão das toleradas não entrando a Côxa Branca, ao Antonio Castro, ajudante de ordens do mesmo batalhão pela seriedade com que ajuda a causa das nossas conveniencias politicas e maneja os negocios na secretaria da camara: Nomeamos o Abilio Cavalheiro, aspirante de sapadores da porcalhota, e um dos lampianistas para a illuminação publica, para o que mostra habilidade rara: Nomeamos os srs. d'Almendra ajudantes de brigada do nosso chefe pela dedicação com que o seguira todos os annos nas eleições em prejuizo das suas entradas. Ao mendigo do Fôrma Torta concedemos-lhe a liberdade de andar pelas portas implorando a caridade publica para attenuar a sua miseria. Se quizer medalha no peito pode vir por ella. Ao sirgueiro Felix concedemos-lhe o Alvará de escrivão d'administração por ser cunhado do Judas e por ser um desgraçado. Pague o sêllo e entre em exercicio. O chapelleiro Cesar e o sapateiro Araujo estão nomeados officiaes de diligencias da administração. Os seus alvarás foram a assignar ao administrador Chiote. Concedemos além d'isto ao nosso amigo Carlos Tavares a medalha de um trado pela dedicação e denodo que mostrou no arrombamento da recebedoria.

Está a fundir em casa do serralheiro. Aquelles a quem a nossa habilidade fez votantes sem terem o censo para isso, pedimos-lhe para que trabalhem a ver se o conseguem para nos prestarem em melhores dias a mesma dedicação. Agradecemos ás desfolhadas Rosas de Maio e aos sapateiros cantantes a sua dedicação na Praça. Cá ficamos para aquillo que não faça mingoa. Temos cumprido o nosso dever. Os que faltam serão anichados em tempo competente. Vae sellado com rubrica e guarda.

Pelo centro,
O governador Phoca.»

CARTA DO PORTO

2 DE FEVEREIRO DE 1889.

As noticias que correm são de que na proxima segunda-feira reabrirá completamente o trabalho em todos os armazães de Villa Nova. Entra assim no verdadeiro caminho quem nunca se deveria ter affastado d'elle. Os illudidos cederam ás instancias da facção regeneradora, que chegou a imaginar que as suas indignações e os seus esforços seriam bastantes para fazer cair o governo. Perfeitas stulticias que só cabem em cerebros decompostos.

Os *meetings* de Villa Nova, os de ante-hontem, foram como o anterior—completo fiasco. Viam-se ali os esforços desesperados dos mais notaveis regeneradores, que sem rebuço capitaneavam os grupos e os levavam á provocação da desordem. A auctoridade porém teve força para os conter, sem emprego de meios violentos.

A questão dos barcaceiros é que se vae tornando grave para elles. As medidas tomadas pelo governo, perfeitamente executadas pela repartição d'alfandega, tem produzido o melhor effeito. O trafego no rio está excellentemente montado e a ponte construida funcciona regular e proveitosamente. Estão a construir-se mais. O commercio e a navegação bemdizem a *gréve*, que tão bons resultados produziu. Os barcaceiros, que veem a sua industria arruinada é que maldizem os que os metteram nos trabalhos de que agora não podem já sair com proveito. Ha de valer-lhes ainda a caridade e a complacencia do governo.

Supunha-se que os rendimentos da alfandega soffreriam muito com a *estagnação* artificial que os especuladores [illegible]. Os rendimentos subiram n'estes ultimos dias, produzindo n'um só cerca de 50:000$000 reis—somma enorme, a que poucas vezes tem attingido a casa fiscal do Porto.

— E' muito para notar a attitude que o *Commercio do Porto* tem tomado na questão que se agita. Este jornal, influenciado decerto por um escriptor que não pertence ás agrupações monarchicas, serve os seus principios promovendo a desordem e a desorganisação do estado actual das coisas. Só assim se justifica a posição pouco moderada, pouco harmonica com a indole d'aquella sempre *cautelosa* e *prudente* gazeta.

— Um telegramma de Lamego diz o seguinte:

«*Lamego, 1.*—Foi acolhida, com applausos universaes e merecidos encomios, a resolução tomada por alguns dos primeiros proprietarios do concelho de Lamego, offerecendo, caso seja preciso, sustento e serviço aos empregados despedidos dos armazens de Villa Nova.

Não é pouco evitar a indigencia a victimas inconscientes dos enredos de facções. Magnanimo é o procedimento d'esses proprietarios.

Os desmandos da opposição parlamentar causaram nojo a toda a gente. A descompostura soez e o doesto pessoal não são argumentos dignos e sensatos para resolver altas questões economicas e politicas. E' opinião geral que o systhema representativo degrada-se ao ultimo ponto a não lhe valerem providencias energicas, que reprimam os desordeiros e especuladores aciutosos. A firmeza do governo tem-lhe grangeado aqui grandes sympathias. E' enorme o enthusiasmo pelo grande comicio que ha de realisar-se na Regoa no dia 3.»

— Tem chegado aqui destacamentos de differentes corpos. Além das 200 praças que vieram do 9 de infanteria, chegaram hontem mais 200 do 3 de caçadores. De Lisboa vieram 100 praças da guarda fiscal para o serviço d'alfandega.

— Terá logar hoje a inauguração da ponte de Espozende. Preparam-se grandes festejos para solemnisar o acto.

— Anda-se procedendo á construcção da platafórma do elevador entre o taboleiro inferior da ponte D. Luiz I e a praça da Batalha, pelos Guindaes. Acham-se em termo de conclusão as expropriações que eram precisas. O material deve chegar por estes dias da Allemanha. O elevador fica com duas vias parallelas—uma para mercadorias, só até ao largo da Policia e a outra para passageiros, até ao largo da Batalha. Excellente obra. *Z.*

NOTICIARIO

EXPEDIENTE.—Pedimos aos cavalheiros que nos honram com as suas assignaturas, a quem ha dias nos dirigimos em cartas especiaes, que se dignem mandar satisfazer a importancia de suas contas até o dia 8 do corrente. E' finesa que esperamos merecer e que muito nos penhorará.

Aos que tão promptamente e cavalheirosamente satisfizeram ao nosso pedido, agradecemos aqui, afirmando-lhes o nosso reconhecimento.

Regosijo publico.—Em consequencia da publicação no *Diario do Governo* da portaria, nomeando a commissão para estudos dos melhoramentos da barra d'Aveiro, na quarta-feira á noite percorreu as ruas da cidade a phylarmonica *Aveirense*, acompanhada de muitos populares da beira-mar, queimando foguetes e levantando enthusiasticos vivas ao governo, ao nobre ministro das obras publicas, aos illustres deputados, dr. Francisco de Castro Mattoso e dr. Barbosa de Magalhães, ao sr. conselheiro Manuel Firmino, digno presidente da camara, e ao partido progressista.

A musica tocou tambem á porta dos srs. Manuel Firmino, Barbosa de Magalhães, dr. Manuel Pereira da Cruz, vogal da commissão executiva da Junta Geral, Prior da Vera-Cruz, presidente da Junta de parochia, redacção do *Parlamento*, e Pedro Moreira, da commissão dos pescadores e negociantes do pescado e sal, dando-se calorosos vivas a esses cavalheiros.

Fallecimento.—Falleceu ha pouco na sua casa de Cedrim, no concelho de Sever do Vouga, o sr. José Henriques Tavares da Silva, um dos professores de instrucção primaria mais antigos do districto, um dos que mais serviços prestou á instrucção publica, um dos mais intelligentes.

Jubilou-se quando se sentiu adiantado em annos e atrophiado pelas molestias. Foi bom pae e bom cidadão—foi funccionario digno e um perfeito homem de bem. Dizem tudo do extincto estas poucas palavras.

A seus honrados filhos—a todos os que na terra deixou—enviamos d'aqui a expressão sentida da nossa dôr, porque fomos sempre verdadeiro amigo do que Deus chamou a si.

Promoção.—O nosso [illegible]go, o sr. Antonio Duarte da Silva, direas do Norte, foi promovido da 2.ª á 1.ª classe. Foi muito justa esta promoção, porque o agraciado é um habil empregado, e ainda ha pouco foi victima do seu dever, ficando muito ferido no choque dos comboyos na ponta do Panno.

Que dentistas!—Os parvalheiras que ahi basofeiam de *chefes* politicos fizeram reunião n'uma casa de *batota*, em que um orador *intruso* lhes pespegou uma tunda tremebundissima. E elles—os importantes—*moita*. Não que são *cães* que só mordem por detraz...

S. Braz.—Este milagroso Santo tem hoje á noite ruidosos festejos no largo do mesmo nome, do bairro do Alboy. Musica, fogueiras e fogo do ar.

Na Quinta do Gato ha ámanhã tambem romaria em louvor do mesmo Santo, tocando no arraial a phylarmonica *Aveirense*. Costuma ser muito concorrido de gente da cidade.

O Carnaval.—Começa cedo entre nós esta quadra consagrada ao prazer, pois vamos ahi ter varios bailes de mascaras. Uma sociedade artistica, denominada—*Noites Carnavalescas*—propõe-se dar bailes no salão da rua dos Tavares, onde já os houveram *no anno passado*, começando hoje e ámanhã e em todos os domingos seguintes.

Dizem-nos que outras sociedades tencionam tambem dar bailes publicos, em que se admittem mascarados. Que haja decencia e ordem é o que é para desejar, sendo bom que a policia os vigie convenientemente.

A charanga.—Tocou no domingo no jardim de Santo Antonio e muito bem, pois está mais augmentada. A concorrencia, apezar da belleza primaveral do dia, não correspondeu, pois andavam poucas senhoras.

Grande enguia.—No domingo appareceu na Praça do Peixe uma enguia enorme, creada no viveiro—piscina—dos Santos Martyres. Este magnifico exemplar foi vendido por 1$500 reis!

Mercados de gado.—Nas feiras ha agora menos affluencia de compradores. Gado apparece em abundancia, mas compradores menos, sendo certo que tambem tem abatido alguma cousa nos preços.

Mercado d'azeite.—Em Elvas o azeite novo tem o preço de 1:250 e 1:300 reis o decalitro; e em Redondo está por 1:200 reis.

Castigo escolar.—O conselho escolar do lyceu de Vianna, reunido no dia 30, resolveu applicar a pena de expulsão, durante o praso de 3 annos em todo e qualquer lyceu do reino, a dois alumnos, cujos nomes ignoramos, por offensas contrarias á decencia e á moral publica. Algumas pessoas commentam o proceder do conselho escolar, por isso que o castigo foi um pouco severo, comtudo nós, tendendo para o lado da razão e da civilidade, somos da mesma opinião que o conselho escolar. Diz isto um collega nosso d'ali.

Crimes velhos—Captura d'um assassino.—Ninguem as faz que não as pague, e é bem certo. Ha tempos, n'uma romaria em Castro Daire, houve, como é costume em festanças provinciaes, rija desordem em que os mais afamados marmelleiros das redondezas deram que fallar de si. Mas d'essa vez parece que a refrega foi séria, porque houve morte, como se diz lá para cima, e morte grave porque não se tratava de qualquer moço de lavoura ou abegão sem nome. Um homem matára na la menos que o filho do morgado de Miramonte. Um filho de morgado ainda é hoje no meio do voltairianismo que felizmente nos rege, o quer que seja de prestigioso nos montados em que habitam as christandades do povo portuguez; e matar um filho de morgado é quasi tão grave como derrubar um santo d'um altar de cremiterio. Calculem portanto a impressão que o caso produziu em Castro Daire e circumvisinhanças, ao saber-se que um dos da terra déra tamanha lambada no rapaz que o tombara para todo o sempre em plena feira, com a philarmonica a tocar, os mortéiros a estourarem e a gentinha vinda de longe a comer vitella bocagianamente debaixo dos soutaes da capella.

Foi um escandalo. O assassino fugira; mas quem as faz paga-as e é bem certo.

Por telegramma do administrador do concelho, soube-se que o homem tinha vindo para Lisboa. Com a participação vieram tambem signaes e a policia estava prevenida quando ha dias, achando-se o agente n.º 60 da 3.ª divisão, á paisana, na rua 24 de junho, viu passar muito repimpado na boleia de uma carroça da casa Viuva Macieira, um individuo, cujos signaes correspondiam perfeitamente aos do assassino do filho do morgado de Miramorta.

O agente mandou parar a carroça e dirigindo-se ao homem, disse-lhe familiarmente:

— Então, não me conheces?

— Eu não senhor.

— Pois olha, eu estava na romaria quando tu atiraste a pancada ao filho do morgado.

O carroceiro ficou tão perturbado, mudou por tal fórma de côr, que não deixou a menor duvida no espirito do policia, que o prendeu sem lhe dar tempo de repor-se. Conduzido ao commissariado da 2.ª divisão, confessou tudo. Vae ser enviado para Castro Daire.

Uma aventureira.—No mez de julho do anno passado, a policia de Paris prendeu perto do Arco do Triumpho uma senhora de 30 annos de edade, a qual, achando-se no grupo das pessoas que esperavam a chegada do omnibus, foi ali surprehendida como ladra. Essa senhora revoltou-se contra tal vexame; e, pouco depois, intervinham em sua defeza os representantes da Inglaterra e da America.

A policia de Paris desconhecia a senhora, depois de a ter posto em liberdade, constando-lhe que ella tinha ido para New-York, escreveu ao chefe de policia d'aquella cidade, e recebeu informações minuciosas, que confirmavam cabalmente as suas suspeitas.

Chama-se madame Varney. Filha, irmã, mãe e duas vezes esposa de ladrões de profissão, toda a sua vida tem vivido de roubos. Seu pae, Elkins, era um habil ladrão. Educou as filhas no mesmo mister, e desde a edade de doze annos que madame Varney exercia a profissão. Aos 16 annos uniu-se a um pickpoket notavel, chamado Harris, partindo pela America a roubar nos armazens de modas.

Esta viagem de nupcias rendeu-lhes muito dinheiro. Mas durante a lua de mel, Harris foi surprehendido em flagrante, e foi preso. A mulher continuou no mesmo modo de vida. Nas suas peregrinações, encontrou um ladrão celebre, chamado Ned Lyons, Seduzida pela habilidade dos seus expedientes, Varney desposou-o. Em poucos annos fizeram uma grande fortuna. Então Ned Lyons declarou que era tempo de se fazerem pessoas de bem renunciaram ao modo de vida, e começaram a viver das suas rendas. O demonio do roubo, porém, perseguia a mulher. Um dia que estava n'um armazem de modas, apoderou-se d'um objecto. Foi presa, julgada e condemnada a 5 annos de prisão.

Ned Lyons estava rico; corrompeu o guarda da prisão em que estava a mulher, e conseguiu libertal-a. Fugiram ambos para o Canadá, onde compraram uma casa de campo e viveram no meio da consideração geral. Tiveram quatro filhos: um rapaz e tres meninas. Foram citados como exemplo de amor conjugal.

Mas esta existencia honesta e tranquilla era insupportavel para madame Varney. Recomeçou as suas expedições. Um dia chegou em carruagem á porta d'um banco de New-York, á hora em que havia ali apenas dois empregados. Mandou dizer ao porteiro que era côxa, e que não podia sair da carruagem, pedindo ao mesmo tempo que um dos empregados lhe fosse fallar. Entreteve-o muito tempo. N'esse intervallo os seus cumplices assaltaram o banco.

Uma outra vez, n'uma casa bancaria, estavam a contar 800 dollars. Madame Varney deixou cair o lenço; e, batendo no hombro do homem que contava o dinheiro, pediu-lhe que lh'o apanhasse. Emquanto elle se baixou, os seus cumplices (porque ella era sempre acompanhada) roubaram 700 dollars. Em seguida, retirou-se tranquillamente.

Eis apenas duas proezas das muitas que praticou a famosa aventureira.

A estada na America tornava-se perigosa. Procurada pela policia, madame Varney abandonou o marido, que falleceu pouco depois, e abandonou os filhos. O rapaz manifestou-se tambem um ladrão, e morreu na cadeia.

As filhas, recolhidas por pessoas caridosas n'um convento de Montreal, ali se acham ainda, ignorando a sua origem. Madame Varney percorren a Europa, e nunca deixou um paiz sem ser perseguida pela policia, por causa dos seus maleficios. Depois de ter visitado a Inglaterra, a Allemanha, a Austria, a Russia, roubando sempre, resolveu fixar-se em Paris, para ali exercer o seu mister.

Foi surprehendida em julho passado, mas logo solta. Depois desappareceu d'ali.

Tal é a aventureira que conseguiu não só ter por si dois ministros plenipotenciarios e vinte pessoas das mais distinctas, mas obter que um magistrado francez lhe pedisse desculpas d'ella ter sido presa innocentemente.

O canal de Paris ao mar.—Agora que a constituição da companhia diz o *Corrier de Londres*, é um facto consumado, não nos resta mais que examinar as bases sobre as quaes ella se fundou e constituiu. E' o que vamos fazer, com os estatutos da sociedade na mão.

Os fins d'esta sociedade são em primeiro logar:

1.º A abertura d'um grande canal de transporte, que terá a denominação de Canal maritimo de Paris a Bologne sur-mer, assim como a construcção e exploração do dito canal.

Recordaremos aqui que temos explicado largamente que esta via de transporte maritimo será ligada por um ramal aos canaes da Flandre, que communicará com Lisle e com os portos de Calais, Graveline, Dunkerque, Ostende, Anvers etc., e que servirá as bacias hulheiras do Pas-de-Calais e do Norte.

Esta recordação faz-nos voltar á enumeração dos fins da sociedade, que são, em segundo logar:

2.º A obtenção na cidade de Bologne, seus arredores e até Paris, de todas as concessões; taes como dockas, bacias, armazens geraes, canaes navegaveis, telheiros de descarga, caes de transbordo, gruas moveis para a manutenção, etc., a posse em exploração das ditas concessões e a construcção dos edificios assim como execução dos trabalhos que elles exigem.

3.º A acquisição de todos os terrenos na cidade de Bologne sur-mer, nas suas proximidades e até Paris, a posse em valor, a exploração eu a venda dos ditos terrenos.

4.º A appropriação dos armazens geraes para armazens de desembarque, embarque, expedição, comprar, vender, depositar, reunir todas as especies de mercadorias e organisar as vendas publicas periodicas.

5.º Todas as operações commerciaes, industriaes, maritimas, financeiras, susceptiveis de favorecer o commercio internacional, de provocar a deslocação e as trocas dos productos.

6.º A creação e protectorado de todas as emprezas particulares, ou de todas as sociedades, tendo por fim o desenvolvimento do movimento comgroes do Norte e da Belgica para Paris.

7.º A fundação de succursaes, de agencias, ou a fuzão directa ou indirecta, seja em França, seja no estrangeiro, com todos os estabelecimentos, podendo concorrer d'uma fórma qualquer á extensão dos negocios sociaes.

Este programma offerece toda a elasticidade necessaria para permittir um funccionamento normal, ao mesmo tempo que uma margem para o desenvolvimento futuro das operações que devem resultar da exploração do canal.

Ponte gigantesca.—Foi apresentado ao Congresso dos Estados-Unidos, um projecto de M. G. Lindenthal, para a construcção de uma ponte sobre o rio Hudson, entre Nova York e Nova Jersey.

Esta ponte transporá o Hudson com um só tramo de 872 metros e por conseguinte será de mais extensão que o tramo central da ponte de Brooklyn, que tem, em numeros redondos 400 metros. O peso dos materiaes será por consequencia muito maior e mais importante que o de nenhuma outra obra da actualidade.

O systema de construcção será o mesmo que o da ponte de Brooklyn, porém, com cabos duplos, sobrepostos uns sobre outros. De cada lado do rio levantar-se-ha uma torre dupla, e entre ambas, separadas quasi os 872 metros, pois é esta a distancia entre os seus eixos, será estabelecido o tramo central. Os outros dois lateraes medirão cada um 457m,50. A extensão da ponte será, pois, de 1:982m,50.

Os maçissos de amarração da ponte terão 97m,60, com 54 e 64 metros de altura sobre o nivel das preamares. Seis caminhos de ferro serão estabelecidos sobre a ponte e atravessarão os meçissos por tunneis que se deixarão ao construir.

Os cabos, que serão construidos com fios de aço, terão 1m,22 de diametro e os seus eixos estarão separados entre si 15m,25. Rodeal-os-ha um envolvente de chapa de aço delgada que deixe um espaço annular de 50 millimetros, cuja missão será a de proteger os cabos da corrosão e das variações da temperatura. Os cabos estão calculados para não trabalhar normalmente senão a um decimo da carga maxima que são capazes de supportar.

O Congresso concederá a auctorisação necessaria para levar a cabo a ideia, porém, com a condição de que o ponto mais baixo da ponte não se ache a menos de 140 metros sobre o nivel das preamares, comprehendendo flexão, dilatação, etc., etc. Deverá auctorisar-se ás companhias de caminhos de ferro a passagem sobre a ponte mediante justas compensações.

Em quanto ao custo da obra só póde calcular-se approximadamente. Variará em proporção consideravel segundo o local que definitivamente se escolha para o ponto de partida de Nova York. Emquanto que o auctor do projecto o calcula em 15 ou 18 mil contos, pessoas competentes não acham extraordinario que possam custar quatro vezes mais, ou sejam 36 mil contos de reis.

Comboio atravessando o circulo polar arctico.—Effectuou-se no anno proximo findo, a passagem de um comboio, na linha ferrea que acaba de concluir-se na Laponia Sueca, entre o porto de Lulia, situado no golpho de Bochnia e a cidade de Gellevara, que está a muitas milhas no interior do mencionado golpho, junto aos montes que tem os nomes da dita cidade, os mesmos que são celebres pela grande quantidade do afamado ferro de Suecia que produzem.

Esta linha principiou a construir-se ha mais de vinte e cinco annos e os trabalhos continuaram lentamente pelas muitas difficuldades que a sua construcção offerecia.

Caminho de ferro do mundo.—A extensão total dos caminhos de ferro de mundo, era no fim de 1887, de 512:000 kilometros. Sobre esta quantidade, a America contava 266:000, dos quaes 222:000 para os Estados-Unidos; a Europa 201 mil; a Asia 24:000; a Australia 14:000 e a Africa 7:000 sómente.

Na Europa a Allemanha figura na cabeça do rol com 38:000, em seguida a França com 33:000, depois a Gran-Bretenha 31:000, a Russia 27 mil, a Austria 23:000, a Italia 11:000, a Hespanha 9:000 e a Suecia 7:000.

Não vem n'esta estatistica, que transcrevemos do *Bulletim des Travaux*, mencionados Portugal, Belgica, Suissa, etc., naturalmente por terem pequenas redes, mas está calculada para esses paizes uma extensão de 22:000 kilometros, pois que a Allemanha, França, Gran-Bretenha, Austria, Italia, Russia, Hespanha e Suecia, apenas entram na extensão dada á Europa, que é de 201:000 kilometros, com 179:000.

PROGRESSO EM COIMBRA

Do *Conimbricense* de 29:

A transformação por que tem passado alguns largos e ruas d'esta cidade, sendo demolidas não poucas casas, como por exemplo no antigo largo da Portagem, rua dos Gatos, rua de Quebra-Costas, e a extremidade da rua dos Estudos; o engrandecimento de predios, demolindo-se para isso dois ou tres predios contiguos, como se póde ver em duas importantes construcções no largo 8 de Maio e outros sitios; a applicação de casas para uso dos proprios estabelecimentos, as quaes anteriormente estavam alugadas, como aconteceu nos baixos do hospital da Universidade; accrescendo a tudo isto o augmento da população e o desenvolvimento do commercio e as industrias—tem concorrido para se estenderem as edificações para fóra da cidade.

Todas as casas, construidas pela extincta companhia edificadora em Montarroio foram vendidas, e acham sempre alugadores. O mesmo succede com as moradias construidos Fóra de Portas, em identicas circumstancias se tem edificado.

Por em quanto ainda não estão de todo preparados os terrenos para o novo bairro da quinta de Santa Cruz; mas logo que elles estejam nas condições devidas e com as necessarias communicações para todos os lados, sem duvida á primeira edificação que ali se fizer se seguirão muitas outras. Concorrerá tambem muito para isso a edificação da ampla casa para a *Escola Industrial*, e a outra projectada casa para n'ella se estabelecerem as escolas officiaes de instrucção primaria dos dois sexos d'esta cidade.

A tendencia, porém, mais pronunciada para edificações está sendo a estrada nova da Beira. E' extraordinario o movimento de edificações que se observa n'aquelle bello e saudavel sitio. Cada vez se vê a estrada bordada de mais edificios; na maior parte muito commodos e elegantes. Egualmente ali acontece o mesmo que nas outras edificações proximas da cidade—são promptamente arrendadas. As construcções vão quasi todas no proseguimento da estrada, com direcção á Portella; de fórma que em breve estará ali um importante bairro; o qual, no sentido inverso se virá ligar com a cidade, para o que muito concorrerá a construcção do caminho de ferro, pela margem direita do Mondego.

Se os habitantes de Coimbra não resistissem energicamente em 1863 ao facciosismo do director das obras publicas d'este districto, João Ribeiro da Silva Araujo, que a todo o custo queria que a estrada da Beira viesse pela esquerda do Mondego, como teriamos agora em perspectiva este magnifico bairro, a seguir de Coimbra á Portella?

E se ultimamente algumas das mais importantes corporações de Coimbra, e grande numero dos seus habitantes se não oppozessem com firmeza ás diligencias que se faziam para que o caminho de ferro não seguisse pela margem direita do Mondego, como teriamos agora esse elemento poderosissimo para o desenvolvimento da cidade?

A proposito do caminho de ferro diremos que já tem chegado muito material para a construcção da via ferrea para Arganil.

Na estrada da Beira, sitio da Arregaça, anda a construir-se um vasto barracão para 80 muares, empregadas nos trabalhos do caminho. Do lado esquerdo da estrada, em frente d'esse barracão, foi alugada uma casa, pertencente ás sr.as Fonsecas, da Arregaça, para arrecadação de ferramentas. Além do movimento do trabalho que já ali se observa, muito mais se vae em breve desenvolver, com grande interesse para proprietarios, industriaes e operarios.

No domingo parecia uma romaria a quantidade enorme de povo que de Coimbra foi para aquelle local passear.

O empreiteiro geral do caminho de ferro de Coimbra a Arganil, o sr. Eugenio Beraud. é um habil constructor, de que tem dado provas evidentes nas obras de caminho de ferro de que se tem encarregado em Portugal.

Vemos, como era de esperar, que não ficam em palavras banaes as promessas do sr. ministro das obras publicas, de se crear em Coimbra uma *Escóla Industrial*.

Em o numero passado do *Conimbricense*, já publicámos um annuncio pela 2.ª circumscripção hydraulica, para serem arrematadas no dia 5 de fevereiro proximo, tres tarefas de pedreiro e carpinteiro, para as obras de reformas e reparações no pavimento superior do corpo central do edificio de Santa Cruz, para a installação provisoria da *Escóla Industrial de Coimbra*. Logo que estejam effectuadas essas reformas e reparações, se procederá n'aquelle edificio á installação provisoria da *Escóla*, emquanto se não procede á construcção do edificio definitivo, em o novo bairro de Santa Cruz.

No hospital da Universidade continua-se na construcção dos quartos particulares, que era uma obra muito necessaria. São muito urgentes, como por varias vezes o temos mostrado n'este periodico, as obras em parte do mesmo edificio, para o lado da Feira, e que pelo seu estado de ruina facilmente pode desabar.

No bairro de Santa Clara, com o estabelecimento de fabricas, tambsm se desenvolvem as edificações.

São tambem muito grandes os progressos das obras no importantissimo estabelecimento da *Escóla pratica central de agricultura*, em S. Martinho do Bispo, suburbios d'esta cidade.

Procedeu-se ultimamente, a requisição da camara municipal, a uma inspecção aos trabalhos dos depositos e canalisação das aguas.

Consta-nos que se propõe algumas obras, que se julgam necessarias.

Por hoje restringimo-nos a esta breve resenha do movimento e progresso que se nota n'esta cidade, seus arrabaldes e suburbios.

Teremos de nos occupar mais d'este assumpto.

Hontem foi entregue á camara municipal d'esta cidade, por parte da *Companhia portugueza de ascensores mechanicos*, a planta do ascensor que se vae estabelecer em Coimbra. O percurso do ascensor será desde o arco de Almedina, ao fundo da rua de Quebra-Costas, até ao largo da Feira. Demolir-se-ha toda a linha de casas, do lado esquerdo das escadas de Quebra-Costas, para o espaço por ellas agora occupado servir para a passagem do ascensor. Seguirá o ascensor pelo largo da Sé Velha; e ao fundo da rua do Norte serão demolidas umas casas, entrando por ali nos quintaes, que se acham detraz das casas do lado direito da rua de Borges Carneiro. Irá sair ao portão, junto ás casas do sr. dr. Joaquim José Paes da Silva, sendo demolida uma casa junto a esse portão, do lado de baixo. A fim de facilitar a curva necessaria para continuar d'ahi na rua de Borges Carneiro far-se-ha um pequeno córte na esquina do edificio do paço episcopal. Proseguirá pela mencionada largo de S. João de Almedina, ao rumo da rua de Sá de Miranda; entrará depois na rua das Colchas, até terminar no largo da Feira.

A *Companhia portugueza de ascensores mechanicos*, a fim de construir este ascensor em Coimbra e outro em Lisboa. está em combinação com uma empreza allemã, que ha de vir fazer essas obras.

CARTA DE LISBOA

31 DE JANEIRO DE 1889.

E' assombroso o que se passou na camara electiva nos dias 29 e 30. O *Dia*, jornal insuspeito, descreve-os assim:

HONTEM

«Tambem a sessão de hontem terminou tumultuosamente. Para explicar os pretextos de mais este tumulto, recapitularemos os factos, que são mais eloquentes do que os commentarios.

A opposição começou a discutir os acontecimentos do Porto no principio da sessão de *segunda-feira, 21 de janeiro*. Discutiu-os durante toda a semana passada, fallando á larga os seus principaes oradores, os srs. Lopo Vaz, Franco Castello-Branco, Manuel d'Assumpção, Pinheiro Chagas, Arouca, etc. *No fim da sessão de sabbado, 26*, requereu-se para ser julgada a materia discutida; mas logo diversos deputados regeneradores pediram a palavra *sobre o modo de propôr* esse requerimento, e a meza concedeu-lh'a, indevidamente, mas obrigada por um precedente de tolerancia, admittido no anno passado.

Isto passou-se no sabbado: *a ultima hora da sessão d'esse dia, a sessão de segunda-feira, e a de hontem, terça-feira, até depois das 5 horas da tarde*, foram preenchidas por successivos discursos, em que os oradores, todos da opposição, fallaram de quanto lhes veio á cabeça, menos do *modo de propôr*. Como acabar com este obstruccionismo, que ameaçava ser indefinido, por que já um deputado regenerador annunciava que ia fallar, *sobre o modo de propôr*, durante umas poucas de sessões consecutivas? Inutilisado como está o requerimento *para se julgar a materia discutida*, recorreu-se ao expediente de requerer *para se prorogar a sessão até se votar*, um tanto violento, mas muito usado.

Este expediente, porém, baldou-se egualmente.

O sr. José d'Azevedo Castello-Branco pediu logo a palavra *sobre o modo de propôr* o requerimento de prorogação, e abriu-se um incidente, que o extracto tachygraphico do *Reporter* reproduz assim:

REQUERIMENTO PARA PROROGAÇÃO DA SESSÃO

O sr. Abreu Castello-Branco:—Sr. presidente, requeiro a v. ex.ª que consulte a camara sobre se consente que seja prorogada a sessão, até se votar o incidente que se discute.

O sr. José Castello Branco:—Peço a palavra sobre o modo de propôr.

O sr. Presidente:—Tem a palavra.

O sr. José Castello-Branco:—Sr. presidente, eu vou tratar da questão com a mesma latitude com que o fizeram os meus collegas.

O sr. Presidente:—Eu peço licença para observar a v. ex.ª que d'essa maneira é impossivel cumprir o regimento.

O sr. José Castello-Branco:—Mas v. ex.ª ainda agora está n'isto?

O sr. Presidente:—V. ex.ª não quer decerto collocar-me em uma posição muito difficil. (*Apoiados na direita.*)

O sr. José Castello-Branco:—Mas v. ex.ª tambem não quer certamente collocar-me em condições de desfavor com os meus collegas, que fallaram sobre o modo de propôr. (*Apoiados na esquerda.*)

O sr. Presidente:—Como se trata de um requerimento para se prorogar a sessão, é sobre isso que eu convido v. ex.ª a fallar sobre o modo de propôr.

O sr. José Castello-Branco:—Pois é sobre isso que eu vou fallar.

O sr. Marçal Pacheco:—Peço a palavra sobre o modo de propôr.

O sr. José Castello-Branco:—Sr. presidente, eu não tenho a culpa de que nem a maioria, nem o governo, queiram responder sobre a questão do Porto. (*Apoiados.*) O que está provado é que não se responde a uma série de ataques feitos ao governo.

O sr. Franco Castello-Branco:—Peço a palavra sobre o modo de propôr.

O Orador:—Está provado que o governo tem-se entretido a cavaquear, emquanto por parte da opposição se tem enunciado uma série de factos...

O sr. Presidente:—Eu torno a pedir a v. ex.ª que se restrinja á materia do requerimento.

O sr. Pinheiro Chagas:—Isso é de agora?

O Orador:—Imagine v. ex.ª que para chegar a esta situação, o parlamento precisou de 40 annos de regimen liberal; supponha, pois, o que não será preciso para se chegar a decidir ou discutir se se deve prorogar a sessão! (*Riso.*) Eu tenciono começar a fazer a historia do systema parlamentar em Portugal.

O sr. Presidente:—Mas eu é que não posso consentir isso. A discussão deve restringir-se á materia do requerimento.

O Orador:—Eu não quero dizer a v. ex.ª que a meza é um pouco culpada de tudo isto. (*Apoiados na esquerda.*)

O sr. Presidente:—E' certo que a meza tem tido uma certa condescendencia, mas querer levar essa condescendencia ao infinito...

O sr. Marçal Pacheco:—Onde é que é o infinito, ó sr. presidente? (*Riso.*)

O Orador:—Qual a razão que tem v. ex.ª, sr. presidente, para cercear agora a palavra aos oradores, sobre o modo de propôr, quando não o tem feito até agora?

Desde que a camara, pelo seu excesso de força ou pela sua fraqueza, tem entrado n'esta ordem de idéas, é preferivel que v. ex.ª acabe o seu mandato, mas consentindo que todos fallem sobre o modo de propôr.

O sr. Presidente:—Pelo que vejo um simples instrumento, que ha-de estar á mercê da opposição; ora isto é que não póde ser.

A presidencia não se sujeita a isso, por coisa nenhuma, e convida o sr. José Castello Branco a fallar sobre o modo de propôr. Se s. ex.ª o não fizer, obriga-me a chamal-o á ordem (*Muitos apoiados na direita.*)

(*Sussurro.*)

O sr. Pinheiro Chagas:—Isto é a condemnação do procedimento de v. ex.ª (*Muitos apoiados na esquerda.*)

O sr. Franco Castello Branco:—Reformem o regimento se teem força para isso.

O sr. José Castello Branco:—Sr. presidente, eu quero entrar na ordem, mas para isso preciso primeiramente saber o que é a ordem. (*Apoiadas na esquerda.*)

O sr. Avellar Machado:—Peço a palavra sobre o modo de propôr.

O sr. Presidente:—Tem a palavra sobre o modo de propôr o sr. José Castello Branco.

O sr. José Castello Branco:—Como a ordem é ficar, eu vou egualmente ficar a fallar, começando por tratar da questão dos coroneis, passando á da sellagem, e d'ahi até ao requerimento do sr. Abreu Castello Branco, passando de leve, sobre a questão dos vinhos.

O sr. Presidente:—Eu é que não posso consentir n'isso. (*Apoiados na direita.*)

O sr. Franco Castello Branco:—Mas porque? (*Apoiados na esquerda.*)

O sr. José Castello Branco:—Eu tenho muita pena que v. ex.ª, pessoalmente, não possa consentir: mas no entanto eu desejo ter para mim egual garantia á que foi concedida aos meus collegas. (*Apoiados na esquerda.*)

Como quer v. ex.ª que os meus collegas tenham direito de discutir, sobre o modo de propôr, um requerimento, que ha tres ou quatro dias foi apresentado á camara, e eu agora não posso fallar sobre o modo de propôr, a respeito de um requerimento, indevidamente apresentado? (*Apoiadas na esquerda.*)

Não ha artigo nenhum no regimento, nem mesmo benevolencia, que possa consentir na discussão de um requerimento, apresentado para ser votado.

O sr. Presidente:—A camara é que está no seu direito de o approvar ou rejeitar. (*Apoiados na direita.*)

Estabelece-se grande sussurro.

Vozes na esquerda:—Não está, não está.

Vozes na direita:—Ordem, ordem.

O sr. José Castello Branco:—Esse direito é que eu discuto.

O sr. Pinheiro Chagas:—Nós não admittimos esse direito.

O sr. Manuel d'Assumpção:—A camara não póde alterar agora o regimento.

(*Apoiados energicos na esquerda.*)

Vozes na direita:—Ordem, ordem.

Augmenta o sussurro.

D'este ponto por diante cruzaram-se phrases no meio d'um verdadeiro tumulto e o sr. presidente interrompeu a sessão, reabrindo-a depois só para a encerrar.

Tendo a repetição de acontecimentos como estes creado uma situação intoleravel, hontem á noite reuniram-se os ministros e alguns membros da maioria, e resolveram adoptar para hoje providencias energicas e decisivas. Pela sua parte, a opposição parece desejar tambem essas providencias, porque hoje o *Jornal do Commercio* dizia:—Existe um conflicto entre o governo e o parlamento; el-rei que decida!

O *Correio da Manhã* já hontem dizia o mesmo, o que significa que o plano dos regeneradores é obrigar o governo a pedir a el-rei a dissolução ou o adiamento da camara.

*

HOJE—NOVO TUMULTO

A sessão abriu-se muito cedo, porque muito cedo compareceram os deputados de ambas as parcialidades, receiando cada uma d'ellas *surprezas* da outra. Dizia-se que, em resultado de deliberações hontem tomadas, um deputado governamental proporia a reforma de alguns artigos do regimento da camara.

Antes da ordem do dia fallou-se pacificamente sobre diversos assumptos, como narramos da nossa secção das *Côrtes*, e ao passar-se á ordem do dia, que era a continuação do incidente d'hontem, enxertado no incidente dos acontecimentos do Porto, o vice-presidente, sr. Manuel Affonso Espergueira, que hoje dirigia os trabalhos, deu a palavra ao sr. José Novaes. Quando este deputado tinha principiado a fallar, o sr. Pinheiro Chagas pediu a palavra *sobre o modo de propôr*.

— Não dou a palavra sobre o modo de propôr a mais ninguem...! respondeu o sr. presidente. Mas antes de completar a phrase, o sr. Pinheiro Chagas replicou:

— Isso é que eu não posso admittir!

— Eu é que não admitto que me interrompam! volveu o sr. Espregueira.

N'isto interveiu o sr. José de Novaes:

— V. ex.ª está-me interrompendo a mim, e não o consente o regimento nem a boa educação!

Esta phrase fez recrudescer o sussurro.

O sr. vice-presidente observou ao sr. Novaes que saira fóra da ordem desacatando a presidencia, e, como elle insistisse na irregularidade, retirou-lhe a palavra.

Levantou-se então grande tumulto, e o sr. Espergueira interrompeu a sessão, no meio d'uma vozearia confusa, a coberto da qual se proferiram improperios e injurias.

*

Segundo nos consta, a intenção do sr. vice-presidente era declarar *que não dava a palavra sobre o modo de propôr a mais ninguem; sem a camara ter resolvido como se deve interpretar o artigo do regimento que diz respeito ao modo de propôr*; assim provocava a modificação d'esse artigo ou uma votação que o quatorisasse a restabelecer o seu exacto cumprimento, até agora dispensado por uma excessiva tolerancia. Mas a opposição não o deixou concluir a phrase; cortou-lh'a com interrupções e tumultos!

O procedimento do sr. vice-presidente era correctissimo. Conceder a palavra *sobre o modo de propôr requerimentos* é um abuso que precisa ser corrigido, e que, embora se tenha introduzido na pratica, não póde obrigar quem dirige os trabalhos da camara.

*

Meia hora depois reabriu-se a sessão.

O sr. vice-presidente principiou a dizer:

— Estando extincta a inscripção sobre o modo de propôr...

O sr. José Novaes interrompeu-o:

— Eu tenho a palavra!

Volveu o sr. Espergueira:

— Já retirei a palavra a v. ex.ª.

Vozes da esquerda:

— Não pode ser! não pode ser!

O sr. vice-presidente:

— Peço silencio, afim de poder ser ouvido. Retirei a palavra ao sr. deputado porque assim m'o ordena o regimento.

N'este ponto interferiu o sr. Arroyo, que appareceu hoje na camara pela primeira vez depois da sua doença. Sem ter pedido a palavra gritou como um possesso:

— Tem a palavra o sr. José Novaes, que lh'a dou eu; faça favor de fallar.

O sr. Arouca disse para a meza:

—Mande lêr o artigo do regimento!

O primeiro secretario leu os artigos 99.º e 100.º do regimento, que prohibem usar nas discussões de phrases, palavras ou allusões que importem injuria a pessoa individual ou collectiva, sob pena do presidente retirar a palavra aos oradores.

O sr. José Novaes quiz ainda reagir.

— Qual foi a palavra injuriosa que eu proferi? perguntou.

O sr. presidente:

—O sr. deputado não tem a palavra!

Outra vez se levantou o tumulto. O sr. vice-presidente tocou a campainha por tres vezes, e sendo impossivel restabeler a ordem, fechou a sessão, dando para ámanhã trabalhos em commissões.

*

Quando o sr. vice-presidente descia da meza, a maioria rodeou-o e applaudiu-o, protestando com esta manifestação contra os desacatos que lhe dirigira a opposição; esta vociferou e pateou. Estiveram immmentes conflictos pessoaes.

*

RESOLUÇÃO DO GOVERNO

Em vista dos acontecimentos que acabamos de narrar, consta-nos que o governo está resolvido a sollicitar da coróa o addiamento das côrtes.»

E' preciso que o paiz saiba o modo por que se estava procedendo em S. Bento, e quão fortes foram os motivos que o governo teve para proceder, como procedeu, addiando as camaras por dois mezes, o que importa o mesmo que dissolvel-as.

— O sr. José Maria Pereira, acaba de descobrir no concelho de Ferreira do Zezere, e nas margens do mesmo nome, um importante jazigo de cimento hydraulico, que segundo parece é de excellente qualidade.

— Na praia de Nazareth vae fundar-se uma fabrica de conservas de peixe. Cresce o n.º n'esta especialidade d'industrias.

— Sobre a eleição que se verificou no domingo proximo em Pariz ha ainda o seguinte:

O *Intransigeant* publicou um artigo declarando saber que o conselho de ministros estava reunido em sessão permanente, que as tropas estavam todas nos quarteis promptas a sahirem á primeira voz e que elle Floquet pediria ás camaras a approvação de leis de excepção que permittissem expulsar Boulanger e os seus amigos e declarar Paris em estado de sitio por tempo illimitado. O *Matin* preveniu os leitores de que saberia o resultado da votação antes que o soubesse o governo. Este jornal tinha ao seu serviço 250 reporters, 220 trens e 30 velocipedes.

Ao cahir da noite enorme multidão apinhava-se em frente das redacções dos jornaes boulangistas para saber o resultado da votação. A' medida que chegavam promenores, os redactores annunciavam-os das janellas. Cerca das nove horas a circulação estava interrompida, tal era a quantidade de povo. Foram necessarios 400 policias para desimpedirem o transito. O povo dispersou em parte, dando vivas a Boulanger. Diz um telegramma particular que não ha memoria de uma tal animação e enthusiasmo em eleições.

N'este meio tempo Boulanger e os seus amigos esperavam o resultado final no restaurant Durand. A multidão em frente do restaurant era incalculavel. Grandes forças de policia mantinham a ordem e o livre transito. Fronteiro a elle existe o restaurant Larme. Ahi se conservava tambem rodeado pelos seus amigos o adversario do general, M. Jacques. Apenas se espalhou a noticia da victoria do general, a multidão debandou, separando-se em grupos compactos e percorreu os *boulevards* dando vivas a Boulanger.

O successo inquietou o governo a ponto de haver successivos conselhos de ministros. Até ás ultimas noticias porém nada havia que indicasse desordem. O general e os seus amigos permaneciam em plena quietude, e nada fazia prever que a tranquillidade fosse alterada.

Y.

CARTA D'ANADIA

31 DE JANEIRO DE 1889.

O dia d'hoje amanheceu envolto n'um espesso e denso nevoeiro, que a pouco e pouco se foi desvanecendo. As serras que nos ficam ao nascente, prolongações do Caramulo e Bussaco, pareciam estar cobertas com um amplo e niveo lençol, fumegando abundantemente, á imitação do Vezuvio na sua mais subida e complexa erupção de lavas. Todo o dia correu admiravel, limpido, coroado por [illegible] matutino, que mais parecia das tardes de primavera do que do inverno enfadonho, aborrecido, monotono. A' noite sente-se muito frio, em consequencia de estar continuamente nevando abundantemente. Não se pode transitar pelas ruas sem perigo de chegar a casa completamente coberto de neve.

— O commercio d'esta villa reprova deveras a attitude que o commercio do Porto tomou com respeito á lei das sellagens e creação da companhia dos vinhos, porque, nós todos temos os nossos direitos liberaes e quando se não recebe bem uma medida que a outrem parece conveniente, apela-se para os poderes publicos, mas com a cortezia devida, e não com ameaças, que quasi sempre dão funestos resultados. A lei das sellagens nada nos prejudica, antes pelo contrario, porque o commercio d'aqui nada peza na balança bruta das grandes transacções.

O que decerto nos viria fazer muito mal era a malogração da companhia vinicola do norte. E' n'essa maravilhosa corporação que a Bairrada põe o seu futuro e não sendo ella lei do Estado, fica esta região, assim como muitas outras, entregue á fraudulenta especulação dos agentes e commerciantes estrangeiros. Obrar como teem obrado os *bacalhoeiros* do Porto, é deveras nojento. Assim podiam os do Porto governar, que os ministros cruzavam os braços, deixavam-se levar na grossa corrente do interesse da classe commercial. Ora adeus meus amigos; tratem d'outra vida que é melhor!

— Está n'esta villa a ex.ma sr.ª D. Olympia Henriques Martins, sobrinha do nosso amigo o sr. João Martins de Pinho, em casa de quem está hospedada, e mana do illustre redactor da *Folha Constituinte*, d'Agueda.

— E' aqui esperado por estes dias o sr. conselheiro Elvino de Brito, director geral da agricultura, que vem inaugurar os trabalhos para a installação da escola de viticultura e pomologia, decretada em 30 de junho de 1887 para esta região. Bem vindo seja!

— O nosso theatro acha-se completamente abandonado, devido ao pouco zello da direcção, pois que, ameaça ruina breve. A direcção faz muito bem, logo que ella não serve para nada... Já lá vão aquellas bellas noites d'espectaculo que nos proporcionavam os curiosos da terra... Já lá vae tudo... Oh! que saudades! Nunca vos esquecerei!

Natalia.

SESSÕES PARLAMENTARES

CAMARA DOS PARES

Sessão de 28 de janeiro

Presidencia do sr. João Chrisostomo. Secretarios os srs. Montufar Barreiros e Ressano Garcia. Abertura da sessão á 1 hora da tarde.

acta approvada.

O sr. Barjona de Freitas sustentou que não é possivel pôr-se em execução o systema da sellagem. Disse que o proprio sr. Marianno de Carvalho é da sua opinião, pois estabeleceu a sellagem facultativa. Disse que, se confiasse na iniciativa particular, não teria duvida alguma em propôr a revogação da sellagem.

Declarou que não é contrario ao principio de dar credito aos nossos vinhos, e que se lhe procure novos mercados, mas que não é enthusiasta por que se dê previlegios a determinadas emprezas ou Companhias.

Notou a differença do procedimento do governo com as associações commerciaes de Lisboa e Porto, censurando o governo por não attender como devia ás reclamações dos commerciantes portuenses.

O sr. ministro da fazenda defendeu o systema da sellagem, dizendo que ainda ninguem demonstrára que esses systema fosse mau. Declarou ter a maxima consideração pela cidade do Porto, mas que o governo não devia ceder perante intimações, afim de poder manter o principio da auctoridade.

Disse que não sabia como o sr. Antonio de Serpa, quando o seu partido fôr poder, ha-de annular o contracto para a fundação das companhias vinicolas, se o encontrar feito.

O sr. Hintze Ribeiro combateu a sellagem, dizendo entender que o governo tem sido injusto para com os commerciantes do Porto.

Referindo-se á questão das Companhias Vinicolas, disse que entende que os vinicultores precisam de protecção por parte dos poderes publicos, mas que não póde aceitar a ideia de se dar previlegios a uma associação, nem a liberdade com restricções.

No fim da sessão o sr. Thomaz Ribeiro perguntou quaes as ultimas noticias sobre o estado da agitação do Porto, e se o governo tencionava suspender o regulamento da sellagem.

O sr. ministro da fazenda leu telegrammas dizendo que o Porto está tranquillo.

Quanto ao regulamento da sellagem disse que o não podia suspender porque elle está em vigor mas não em execução.

O sr. Vaz Preto referiu-se novamente ao conflicto occorrido em terras do Bouro.

O sr. ministro da fazenda disse que preveniria o seu collega das obras publicas afim d'elle vir dar explicações á camara.

—

Sessão de 30 de janeiro

Presidencia do sr. Mexia Salema; secretarios os srs. Ressano Garcia e Vasconcellos Gusmão.

Foi lida na mesa uma representação da camara municipal de Barcellos, apresentada pelo sr. Paes Villas Boas e favoravel á Companhia vinicola do norte.

O sr. Hintze Ribeiro desejou saber o que o sr. ministro da fazenda respondera ao officio da Associação Commercial de Lisboa, relativo á nomeação de dois membros para estudarem as modificações do regulamento da sellagem.

O sr. ministro da fazenda respondeu que ainda não dera resposta áquelle officio, porque o governo não tomou resolução alguma sobre elle, mas que, havendo imposição de quem quer que seja, não revogará o regulamento da sellagem.

A camara approvou a carta regia elevando ao pariato o sr. Rodrigues de Carvalho, o qual tomou assento.

ORDRM DO DIA

Incidente sobre a sellagem

O sr. Henrique de Macedo tratou da questão, apresentando uma moção dizendo: «Que a camara, affirmando o respeito ao principio de auctoridade e satisfeita com as explicações dadas pelo governo, passa á ord m do dia».

O sr. Quaresma de Vasconcellos requereu a prorogação da sessão até se esgotar o assumpto.

O sr. Hintze Ribeiro e Vaz Preto combateram este requerimento, o qual foi approvado.

O sr. Telles de Vasconcellos combateu a marcha politica do governo, especialmente na questão da sellagem

O sr. conde de Bomfim fallou no mesmo sentido.

O sr. Antonio de Serpa tambem tratou do mesmo assumpto e explicou que ha dias se referira unicamente á Companhia vinicola do norte e que não se oppõe á formação das Companhias vinicolas, mas que apenas combate a marca official, que considera inconveniente.

O sr. Thomaz Ribeiro pediu que a camara reconsiderasse sobre a questão da sellagem, deixando a discussão para outro dia.

Fallaram no mesmo sentido os srs. Hintze Ribeiro, Vaz Preto e Barjona de Freitas.

O pedido do sr. Thomaz Ribeiro foi rejeitado. Os pares da opposição, com excepção dos srs. Barjona de Freitas e Jayme Moniz, sairam da sala.

Sobre a moção do sr. Henrique de Macedo foi pedida votação nominal pelo sr. Vasconcellos de Gusmão. Foi approvado.

A moção foi approvada por 53 votos contra 2, que foram dos srs. Jaime Moniz e Barjona de Freitas.

O sr. ministro dos negocios estrangeiros leu um telegramma noticiando o fallecimento do principe herdeiro da Austria.

A camara approvou um voto de sentimento por esse facto.

A sessão encerrou-se ás 6 horas.

—

CAMARA DOS DEPUTADOS

Sessão de 28 de janeiro

Presidencia do sr. Francisco de Barros Coelho de Campos; secretarios os srs. Francisco Medeiros e Alpoim Borges Cabral. Abriu-se a sessão ás 3 horas da tarde.

O sr. Ferreira de Almeida levantou novamente o incidente da entrada da força armada nos corredores da camara.

O sr. presidente disse que ainda não estava averiguado quem tivera culpa d'esse facto.

O incidente prolongou-se até ás 5 horas da tarde, fazendo varias considerações sobre a questão os srs. Avellar Machado, Franco Castello Branco, Consiglieri Pedroso, Manuel de Assumpção, Frederico Laranjo, Elvino de Brito e Marçal Brandão.

A final, foi approvada uma moção do sr. Marçal Brandão para que a guarda á camara nunca possa intervir sem ordem por escripto do sr. presidente.

O sr. Augusto Fuschini renovou a questão da Companhia das Aguas de Lisboa, dizendo que era conveniente que que ella fosse a resolver á procuradoria geral da corôa.

O sr. ministro das obras publicas disse que isso não se tornava necessario desde que a proposta do sr. Fuschini fosse estudada por uma commissão.

O sr. Consiglieri Pedroso referiu-se ao choque de comboyos occorrido na linha do norte.

O sr. ministro das obras publicas respondeu que já havia nomeado uma commissão composta de tres engenheiros afim de sindicarem sobre as causas d'esse desastre.

Eram 5 horas e meia da tarde quando se entrou na

ORDEM DO DIA

Incidente sobre a sellagem

Usaram da palavra sobre o modo de propor, relativamente ao requerimento que o sr. Fernandes Vaz apresentou na ultima sessão para que se julgasse a materia discutida, os srs. Franco Castello Branco, Serpa Pinto, João Pinto dos Santos e Brandão.

Como désse a hora, ainda não foi votado n'esta sessão o requerimento.

A proxima é ámanhã.

—

Sessão de 29 de janeiro

Presidencia do sr. Coelho de Campos, servindo de secretarios os snrs. Francisco Medeiros e Alpoim Cabral.

Abertura ás 3 horas da tarde.

Acta approvada.

Foi lido na meza o relatorio do resultado do inquerito ácerca da entrada da guarda da camara nos corredores da mesma.

O relatorio diz que, como houvesse borborinho nas galerias da camara, um parente do director da secretaria deu ordem a um servente para que mandasse subir ali a guarda afim de restabelecer a ordem. Como o servente não indicasse ao official que commandava a força para onde esta devia ir, a guarda entrou nos corredores da camara. O relatorio termina por dizer que não ha motivo para castigar pessoa alguma pelo occorrido.

O sr. Serpa Pinto declarou em nome do deputado pelo *Porto, sr. João* Arroyo, que este não tem comparecido ás sessões da camara por motivo de doença.

O sr. conego Castello Branco fallou largamente ácerca de assumptos açorianos, pedindo ao governo que tome medidas afim de melhorar a situação dos Açores.

ORDEM DO DIA

Incidente sobre a sellagem

O sr. Manuel da Assumpção, fallando ainda sobre o modo de propôr, fez diversas considerações atacando a politica do governo e o seu systema financeiro.

Sustentou que o governo, sem grave perigo para os interesses do paiz, não póde conservar-se no poder mais de tres dias.

O sr. Dantas Baracho, tambem sobre o modo de propôr, disse que a questão da sellagem não está morta como pretendem fazer suppôr os amigos da situação, para que se não falle n'ella. Referiu-se ás respostas dadas pelas Associações Commerciaes de Lisboa e Porto e Associação dos Logistas, protestando contra a lei da sellagem.

Increpou o sr. ministro da guerra por estar concentrando forças militares na cidade do Porto, a titulo de necessidades militares.

O sr. conego Castello Branco requereu que se prorogasse a sessão até se esgotar o assumpto.

O sr. José Azevedo Castello Branco e outros deputados regeneradores pediram a palavra sobre o modo de propôr.

Entre os srs. José Azevedo Castello Branco e presidente travou-se um vivo dialogo sobre a concessão da palavra ácerca do modo de propôr.

Um áparte de um dos deputados da maioria provocou violentos protestos da opposição.

Não podendo restabelecer-se a ordem o sr. presidente interrompeu a sessão.

Eram 5 horas e meia da tarde.

Reaberta a sessão, meia hora depois, o sr. presidente deu-a por encerrada, declarando que a proxima se verificará ámanhã, sendo a ordem do dia a mesma dada para a de hoje.

—

Sessão de 30 de janeiro

Presidencia do sr. Manuel Affonso Espregueira; secretarios os srs. Francisco Medeiros e Alpoim Cabral.

Abertura ás 3 horas da t.

Presentes 106 srs. deputados.

Acta approvada.

O sr. Alpoim Borges Cabral chamou a attenção do sr. ministro das obras publicas para a necessidade de se discutir na actual sessão o projecto para a construcção do caminho de ferro do Mondego.

O sr. ministro das obras publicas disse que o governo espera fazer apresentar esse melhoramento.

O sr. Horta e Costa referiu-se a varios assumptos ultramarinos e perguntou se é verdade a formação de uma companhia para a exploração do commercio e industria da ilha de Timor.

O sr. ministro da marinha disse que havia uma proposta para a formação de uma companhia.

ORDEM DO DIA

Incidente sobre o modo de propor

O sr. presidente, dando a palavra ao sr. José Novaes, disse que a não daria a mais nenhum sr. deputado sobre o modo de propôr.

A opposição protestou contra estas palavras.

Levantou-se vivo dialogo entre o sr. presidente e o sr. José Novaes, tornando-se a sessão tumultuosa.

O sr. presidente, vendo que não podia restabelecer a ordem interrompeu a sessão, no meio de grande balburdia, dirigindo-lhe a opposição violentas apostrophes.

Antes do tumulto, o sr. presidente do conselho havia mandado para a mesa as seguintes propostas:

1.ª Approvando o programma do concurso feito pela camara municipal do Porto para o contrato definitivo da illuminação a gaz da mesma cidade;

2.ª Auctorisando o governo a concorrer com o subsidio annual de reis 4:000$000 para a sustentação da policia fiscal do Funchal;

3.ª Approvando o contracto com os srs. dr. Paulo Marcellino e Ricardo Jorge, para a adjudicação das aguas do Gerez.

Reaberta a sessão, o sr. presidente *disse que não concedia a palavra a* mais nenhum sr. deputado sobre o modo de propôr, e que procedia em conformidade do regimento.

O sr. José Novaes e outros srs. deputados pediram para que lhes dissesse qual era o artigo do regimento que estabelecia que aquelle sr. deputado não podia fallar.

O sr. secretario da camara leu o artigo 99.º, que estabelece que a presidencia póde retirar a palavra aos deputados, sempre que elles proferam phrases inconvenientes.

Levantou-se outra vez grande tumulto, por motivo do sr. José Novaes querer fallar, dizendo o sr. presidente que não lhe concedia a palavra.

A maioria grita: «Ordem! ordem!» e a opposição: «Ha-de fallar! Ha-de fallar!»

O sr. João Arroyo exclamou: «Sr. José Novaes, tem a palavra, eu concedo-lh'a!» O tumulto recrudesceu com estas palavras.

O sr. presidente encerrou a sessão pondo o chapeu na cabeça.

Na galeria, que foi mandada evacuar, tambem houve borborinho.

A meza da camara retirou da sala no meio de protestos e pateada da minoria e palmas da maioria.

COMMUNICADOS

Oliveira do Hospital, 30 de janeiro de 1889.

Sr. redactor.—Permitta-me v. a insersão das seguintes linhas no seu conceituadissimo jornal, e muito penhorará com isso um dos seus mais antigos assignantes e um dos seus mais assiduos leitores.

E' que nem todas as consciencias são eguaes, e a minha parece ter-se revoltado contra tudo e contra todos, de ha oito dias para cá, desde que, entre Pomares e Avô, se deu o lamentavel desastre ou o medonho crime de que toda a imprensa do paiz acaba de dar noticia.

Não me atrevo a julgar o facto de um ou d'outro modo. Para crime acho-o revoltante; para desastre, julgo-o pouco acreditavel.

A' justiça cumpre averiguar o facto, desde a mais pequenina particula ao mais alto commentario.

Entretanto eu vou lembrar aos magistrados que a exercem, que o exame a que se procedeu não foi um exame sério e á altura da gravidade do facto, que aterrou todos os habitantes d'esta comarca e visinhas.

Parece ter havido proposito em não se examinar o chapeu da victima, que apareceu depois de buscas feitas por um digno irmão do infeliz Manuel Nunes. Este chapeu, crivado pelo chumbo, foi por aquelle cavalheiro apresentado ao meritissimo delegado da comarca, que estranhou, como todos os homens de senso e de razão, o que eu estranho tambem. Pois como é crivel que o alvo fosse o chapeu, posto como se allega, fóra da cabeça, e aparece crivado craneo e chapeu ao mesmo tempo? Como póde attribuir-se a casualidade uma coisa d'estas, que tantas suspeitas levanta na opinião dos que pensam e sabem pensar?

Não estaremos em frente d'um assassino perante o apontador municipal? [illegible] sendo elle um criminoso? Oxalá que nos enganemos; oxalá que a justiça venha a certificar-nos de que absolveu um innocente; será esse o desejo de quem escreve estas linhas; mas é para que ella proceda ás mais altas investigações que eu lhe venho chamar a attenção, para que a luz se faça em toda a sua plenitude.

A nós parecem-nos muito fóra de proposito as allegações que se fazem. Não presenciámos o facto, aliás iriamos dizer ao tribunal a verdade do que presenceassemos; mas acceitamos como pouco vulgares os factos que se dão. Se o chapeu fosse o alvo referido e estivesse a distancia do craneo do desventurado, como se diz, o tiro não iria ferir de morte o desgraçado moço, que era um modelo de cavalheirismo e um digno homem de sãs virtudes. Não accusamos o apontador nem com isso a nossa consciencia ficaria tranquilla; mas não nos parece acreditavel que de uma cajadada se ferissem dois coelhos, na frase vulgar do povo. Averigue a justiça de fórma a fazer brilhar a luz sobre este escurissimo caso. E' o que peço em nome de toda a população d'esta comarca, em nome de toda a sociedade que, se não lucra com a condemnação d'um innocente, nada ganha com a absolvição d'um criminoso.

Um assignante.

SECÇÃO AGRICOLA

A PROPOZITO DO AZEITE

A agricultura, tão trabalhada de afflicções em quasi todos os seus ramos, não cessa de gemer queixumes, que dolorosamente resoam quasi no paiz inteiro.

O quadro, que se nos apresenta, é desolador; por toda a parte vemos o desanimo, o marasmo e a ruina. No primeiro plano do quadro, surgem as crises vinicola e cerealifera; mas mais ao fundo descortina-se uma outra, não menos grave, a do azeite.

E' nossa intenção, em successivos artigos, fazermos um pequeno estudo, sem pretenções, do estado lastimoso, em que se encontra entre nós a industria do azeite. E' nosso proposito, depois de narrarmos succintamente as causas, que teem influido para o eminente aniquilamento d'esta industria, —ainda ha pouco tão promettedora de lucros e hoje quasi ruinosa—apontarmos os meios que julgamos mais adequados para a prover de remedio e salvar.

Estes meios são, uns exclusivos da iniciativa particular do productor, outros dependentes do auxilio dos poderes publicos, devendo começar estes onde se reconheça não poderem attingir aquelles.

Cremos bem que o productor se convencerá de que hoje, que atravessamos uma epoca de transformação e de concorrencia, é forçoso sahir do estado de inercia de hontem, em que, embora fosse mau o fabrico, tinha a certeza de que lhe iriam bater á porta para lhe comprarem o seu genero ruim. Hoje, se quizer viver e prosperar, terá de procurar mais aperfeiçoados systemas de fabricar os seus productos afim de poder luctar com os estrangeiros, que se apresentam no mercado melhores e mais baratos.

N'este empenho, o productor de azeite precisa, primeiro que tudo, de transformar os seus lagares, essas sordidas e infectas espeluncas, que, em vez de servirem na actualidade para fabricarem azeite só servem para o prejudicar tanto na quantidade como na qualidade, pois o perdem e estragam; depois, de ter o maior cuidado na apanha da azeitona, porque d'ella depende em grande parte a boa qualidade do azeite e a conservação da oliveira, que, ás vezes, é tão barbaramente varejada, que fica inutilisada para a producção no anno seguinte; e finalmente de modificar, pouco a pouco, pela enxertia, os seus arvoredos, escolhendo para esse fim as variedades d'oliveiras mais resistentes, mais ferteis e que produzam mais fino azeite.

N'este nosso despretencioso estudo deter-nos-hemos sobre estes pontos essenciaes, e lembraremos os alvitres que nos parece que nós, os productores de azeite, devemos adoptar procurando todas as condições, quer de fabrico, quer de venda, que possam collocar-nos ao abrigo da concorrencia estrangeira e salvar-nos da ruina.

Os poderes publicos não nos hão de faltar tambem com o seu auxilio. E' penhor d'esta nossa esperança a maneira rasgada com que o actual ministro das obras publicas tem fomentado a agricultura portugueza.

E, se a agricultura portugueza, por este motivo, tributa louvores ao nobre ministro, não póde por fórma alguma esquecer o seu director geral, o sr. conselheiro Elvino de Brito.

A esse incansavel trabalhador, que tem posto ao serviço da agricultura a sua grande e levantada intelligencia, deve-se a orientação do ensino pratico nas escolas e a creação d'esses estabelecimentos, fructuarios,—candelarias e postos chimico-agricolas—cujo alcance, não bem avaliado ainda, só no futuro apparecerá coroado de proficuos resultados.

Pode a critica affastar-se algumas vezes do modo de ver de s. ex.ª e ser até muito justa; mas o que ninguem de boa fé lhe contestará são os seus bons desejos, as suas sinceras intenções pelos interesses agricolas, que o levaram a operar essa como que revolução, que ahi vemos, e que, na nossa opinião, ha de concorrer com efficacia para a regeneração agricola, a que o seu nome tem de ficar gloriosamente vinculado.

E para o asssumpto de que nos occupamos—a industria do azeite—muito carecemos do auxilio de s. ex.ª e da sua esclarecida iniciativa.

Sabemos haver s. ex.ª enviado a Italia pessoa competente, afim de contractar praticos, que venham ensinar no paiz a fabricação do azeite, como ali é feita, e fiamos de que em breve se occupará attentamente d'esta tão momentanea e importante questão.

E permitta-nos s. ex.ª que lhe apresentemos algumas pequenas indicações que, se julgar uteis, poderá aproveitar como notas de lembrança, quando tiver de se occupar d'este ramo agricola.

Não ignora de certo s. ex.ª as grandes difficuldades com que teem luctado todos os homens competentes, tanto Italia como em França e Hespanha, que tem diligenciado estabelecer a concordancia, não dizemos já entre as variedades de oliveira conhecidas na antiguidade e as que actualmente existem, mas ainda entre estas e as indigenas dos differentes paizes, onde hoje vive a oliveira.

Entre nós o erudito professor, o sr. Ferreira Lapa, na sua «Technologia rual» diz o seguinte:

«Emfim todas estas confusões de nomes e de castas d'azeitonas, o que mostram é que se torna de impreterivel necessidade estudar melhor este objecto em todo o paiz.

«A azeitona está no mesmo caso da uva.

«E' preciso fazer por uma vez a classificação e a synonimia d'estas duas nossas riquezas agricolas».

Como porém proceder a essa classificação? qual o meio pratico?

Em Italia H. G. Coppi, e, antes de elle, Presta e Benard aventaram a ideia de se fazer em cada região plantações de estudo, onde as diversae variedades de oliveira pudessem ser comparadas, conservando-se por muito tempo nas mesmas condições.

Mr. Coutance diz que seria este o unico meio de penetrar no dedalo das variedades de oliveira e accrescenta que, quando qualquer paiz tenha reunido n'um só campo adequado e em circumstancias favoraveis os exemplares de cada variedade, obterá a expressão viva da sua riqueza oleifera.

D'este modo obter-se-hia tambem a vantagem de fixar as novas variedades, que nascem certamente sob influencias diversas, e conservar as que abandonadas sem razão, se perdem definitivamente.

O mesmo auctor manifesta o maior interesse pela creação de similhante horto, que, na sua opinião, seria uma honra para a França.

Informações, que julgamos seguras, dizem-nos estar já realisado em Italia, França e Hespanha o pensamento d'aquelles eruditos.

S. ex.ª, escudado em tão abalisadas auctoridades, prestaria um relevante serviço ao paiz não só mandando estudar e fazer a classificação d'esta nossa riqueza agricola, o que é de imprescindivel necessidade, mas tambem ordenando a creação d'um posto, onde fossem reunidas e classificadas as differentes variedades da oliveira indigena, o que facilitaria o estudo de comparação com as dos outros paizes.

Um outro serviço, não menos importante, que s. ex.ª podia prestar á industria do azeite, era a annexação de um lagar modelo, que servisse de escola pratica para lagareiros, onde estes se habilitassem para dirigir as futuras fabricas, que hão de substituir, quasi na totalidade, os actuaes lagares.

Na Italia já existe, ao lado do pequeno lagar, a fabrica em ponto grande movida a vapor. Em França os antigos lagares teem sido substituidos na sua totalidade pelas grandes fabricas movidas a agua ou a vapor e dotadas de todos os machinismos aperfeiçoados para a moagem e expremedura da azeitona.

Entre nós ha de succeder em breve outro tanto, o que será de grande utilidade para o lavrador e para o industrial.

O proprietario deixará de ser fabricante d'azeite e venderá á fabrica a sua novidade d'azeitona como hoje vende a amendoa e a linhaça, de que tambem se extrae oleo.

A fabrica, comprando a azeitona, mandará proceder ao apanho d'ella, conforme as suas necessidades de trabalho, e poupará esse barbaro estrago que as oliveiras soffrem em anno de safra e, além d'isso, extrahirá todas as qualidades de azeite, desde o superior —o extra—até aos infimos—do inferno e do bagaço—pela repiza e processos chimicos.

Logo que o proprietario reconheça que no bagaço expremido pelas nossas varas e prensas lhe fica até 28 0|0 de azeite e que nas aguas ruças perde em cada moenda de 4 hectolitros d'azeitona 16 k d'azeite, de bom grado venderá a azeitona ou a levará a moer onde esses prejuizos se dividem entre elle e o dono da fabrica.

E' facil, pelo que acabamos de expôr, avaliar o importante serviço, que s. ex.ª poderá prestar a esta industria, auxiliando a iniciativa particular, dando-lhe um exemplar modelo, onde se possam estudar e verificar as vantagens apontadas e fornecendo-lhe pessoal technico habilitado a dirigir qualquer exploração que, n'este sentido, capitalistas intelligentes queiram emprehender.

Moura, 30 dezembro 1888.

Visconde d'Altas Moras.

SECÇÃO LITTERARIA

EGREJA DOS CLERIGOS

Está situado este vistoso templo no alto da calçada do mesmo nome e que em outro tempo se chamou da Natividade. Foi lançada a primeira pedra d'esta egreja em 1848, e em 1779 foi sagrada pelo bispo do Porto D. Fr. João Raphael de Mendença, sendo construida a expensas d'uma irmandade de clerigos, como mui claramente se vê da inscripção lapidar que está sobre a porta travessa que olha ao norte. Esta mesma irmandade, em que eram admittidos alguns seculares, dava o necessario para a conservação de um hospital para os padres doentes, que por pobres não podiam tratar-se em suas casas. A torre é, segundo alguns, a mais alta de Portugal; foi principiada em 1732 e concluida em 1763, e tem d'altura 316 e meio palmos, e a bola 18 palmos de circumferencia. Em junho de 1836, um raio abalou a cruz que rematava a torre, fazendo com que algumas pedras cahissem; e em a noite de 9 de março de 1862, um violento tufão derrubou a bola, lançando-a á rua, e arrojou a cruz ao telhado da egreja. Foi novamente collocada a 31 de julho de 1863, e pouco tempo depois construido um pára-raios, para defender a torre dos effeitos malignos das trovoadas.

Faz-se singular a torre, não só pela sua elevação, mas tambem pela architectura e belleza dos lavores; vê-se algumas leguas ao mar, e da ultima varanda gozam-se pontos de vista soberbos: descobre-se, do alto d'essa torre gigante, grande parte da cidade, e da margem esquerda do Douro.

A egreja, ainda que não eguala na magestade á torre, póde comtudo considerar-se bella; o seu interior é quasi elliptico, e sobresáe n'elle a capella-mór, cujo pavimento e tribuna é de marmore; n'aquella está depositado o corpo de Santo Innocencio, martyr.

A egreja e a torre, em cuja fabrica se gastaram 30 annos, foram construidas por um architecto italiano chamado Nicolau Mazoni, cujo retrato está na secretaria da irmandade. Tem doze sinos, que pezam de cem a duzentas arrobas cada um.

José Augusto Carneiro.

PARTE OFFICIAL

SYNOPSE DO *DIARIO DO GOVERNO*

Diario de 28

Concessão de differentes mercês honorificas.

Varios despachos administrativos.

Documentos relativos ás providencias a adoptar contra a transmissão da tuberculose pelo leite de vacca, como alimento.

Diario de 29

Portaria chamando a attenção das commissões do recrutamento para o artigo da lei de 12 de setembro de 1887, relativamente á substituição de recrutar; e mandando abrir concurso para a adjudicação da empreza do theatro de S. Carlos.

Movimento do pessoal consular em dezembro de 1888 e janeiro de 1889.

Diario de 30

Ordem do exercito.

Mappa dos registos de depositos de marcas de fabrica e commercio, referido ao mez de novembro de 1888.

Appendice:

Relatorio do director do Instituto Industrial e Commercial do Porto, referido ao anno lectivo de 1887-1888.

84

FOLHETIM

WALTER SCOTT

IVANHOÉ
OU
O REGRESSO DO CRUZADO

— Sim, vosso amigo e vosso protector, repetiu gravemente o templario, e ainda o quero ser; mas reparai com que risco, ou antes com que certeza de deshonra, e não me reprehendais se acaso puzer as minhas condições, antes de sacrificar tudo o que tenho de mais caro pelo desejo de salvar os dias d'uma donzella judia.

— Explicai-vos, diz Rebecca, não vos entendo.

— Pois bem, exprimir-me-hei com tanta franqueza como o penitente supersticioso falla ao padre que o confessa. Se acaso me não mostrar na liça, Rebecca, perco a minha reputação e o meu gráu: perco o que é para mim mais caro do que o ar que respiro: a estima dos meus collegas, a esperança de ser um dia revestido da authoridade suprema, de que gosa este Lucas de Baumanoir. Tal é o meu destino inevitavel, se não sustentar, com as armas na mão, a justiça da sentença dada contra vós. Maldito seja aquelle velho insensato de Goodalrick, que me armou um tal laço! mais maldito ainda Alberto de Malvoisin que me impediu de lançar a vossa luva á cara do louco superstic[illegible] que escutou tão absurdas accusações contra uma mulher tão magnanima como bella!

— De que serve tanta lisonja? Tinheis a optar entre a escolha do sangue d'uma donzella innocente e a perda do gráu que occupais, com a esperança d'alcançar outro mais eminente; de que serve todo esse discurso? a vossa escolha está feita.

— Não, Rebecca, tornou-lhe o cavalleiro n'um tom mais brando, e aproximando-se d'ella, a minha escolha ainda não está feita, e sois vós que m'a ides dictar. Se eu apparecer na liça, hei de sustentar a minha fama; por conseguinte quer acheis um campeão, quer não, vossa fogueira não deixará de se accender, pois que não existe nenhum cavalleiro, que tenha combatido commigo com vantagem, a não ser Ricardo Coração-de-Leão e o seu favorito Ivanhoé. Ivanhoé, como sabeis, não está em estado de pegar em armas; Ricardo está preso n'um paiz estrangeiro: morrereis pois, se eu entro na liça, quando mesmo os vossos encantos induzissem algum joven insensato a tomar vossa requesta.

— De que serve repetir-me isso tantas vezes?

— Porque é preciso que encareis debaixo de dous pontos de vista o destino que vos espera.

— Pois bem! voltai o quadro e fazei-me ver a outra face.

— Se eu apparecer na liça, vos dizia eu, morrereis nos tormentos lentos e crueis, que se julgam destinados aos culpados depois da sua morte. Se lá não apparecer, a ordem acha-se sem campeão, e vossa innocencia é proclamada: mas então sou degradado, accusado de cumplicidade com os infieis, de feiticeiro talvez: o nome illustre que tenho, e cuja gloria augmentei, torna-se um titulo de vergonha e de opprobrio; perco a honra, a fama, a esperança de chegar a um posto que me elevaria acima de todos os imperadores; sacrifico estes projectos ambiciosos, que me elevariam tão alto, como as montanhas com que os pagãos pretenderam n'outros tempos escalar os céus...; e comtudo, Rebecca, accrescentou elle, lançando-se-lhe aos pés, sacrifico estas grandezas que eram o alvo da minha ambição, em que estou p.oximo a chegar, se consentirdes em dizer: Bois-Guilbert, acceito-vos por amante.

— Não penseis em taes loucuras, senhor cavalleiro, e se quereis realmente obsequiar-me, apressai-vos em ir ter com o regente, com a rainha mãe, e o principe João. Elles não poderão, por honra da corôa, deixar subsistir a sentença dada pelo vosso grão-mestre. Por este modo assegurar-me-heis uma protecção poderosa e legitima, e não tereis necessidade de fazer sacrificio algum.

— Não posso invocar a justiça do principe João contra o chefe da minha ordem, lhe diz elle tendo agarrado com um ar apaixonado, mas respeitoso, a parte inferior do seu vestido; sois vós, vós só que eu invoco; é a vossa piedade para commigo que eu imploro. Que motivo vos póde conter? Quando eu fosse um demonio, seria ainda preferivel á morte, e é a morte que tenho por rival.

— Não me acho em estado d'examinar isso, lhe diz Rebecca com suavidade, temendo tambem abusar da paciencia d'um cavalleiro em quem reconhecia a violencia de caracter, e parecer dar-lhe a menor esperança: sêde homem, sêde christão! Se é verdade que a vossa religião recommenda a caridade, que prégais em vossos discursos mais do que em vossas acções, salvai-me d'esta morte terrivel, sem pôr condições que tiram todo o merecimento a um rasgo de generosidade.

— Não, diz o soberbo templario levantando-se, não me imporeis com as vossas argucias: se acaso renunciar á minha gloria presente, aos meus projectos ambiciosos do futuro, só por vós é que o farei, e sereis a companheira da minha fuga. Ouvi-me, Rebecca, continuou elle tomando um tom mais brando: a Inglaterra e a Europa não são o universo inteiro. Nós podemos transportar-nos para a outra esphera, que ha de ainda ser assaz bella para a minha ambição. Iremos para a Palestina. Conrado, marquez de Montferrat, é meu amigo; o seu espirito é, como o meu, livre dos prejuizos superstic[illegible] que sustém a razão captiva. Tomarei, se fôr preciso, as armas por Saladino, antes do que supportar os despresos d'estes fanaticos que desdenho. Abrirei novos caminhos á minha gloria, continuou elle, passeiando vivamente pelo quarto. A Europa ouvirá o estrepito dos passos d'aquelle, que ella houver de riscar do numero dos seus filhos. Os milhões d'individuos, que os reis cruzados enviam para a carniçaria da Palestina, não podem defendel-a tão efficazmente, os milhares de sarracenos, cujos braços armados procuram abrir-se um caminho no seu seio, não podem atacal-a com tanto successo como eu e os irmãos que, em despique da má vontade do velho devoto de Beaumanoir, hão de correr sob o meu astandarte. Vós sereis rainha, Rebecca; é sobre o monte Carmelo que havemos de pôr o throno que pretendo conquistar para vós, e meu valor terá por recompensa um sceptro em vez da vara do grão-mestrado, que por tanto tempo desejei.

— Tudo isso não é mais do que um sonho, respondeu Rebecca, uma d'estas visões nocturnas que produz a agitação do espirito. Mas, quando mesmo fóra uma realidade, a minha resolução não seria menos inabalavel. Basta-me dizer-vos, que ainda quando occupasseis um throno, eu não o partilharia comvosco. Não julgueis que sou indifferente aos bens que nos unem á nossa patria e á nossa fé, para que dê a minha estima áquelle que está prompto a pizal-as aos pés, e a renunciar a uma ordem, a que está ligado por votos solemnes, para satisfazer uma paixão illegitima, que concebeu por uma donzella de uma nação differente. Não ponhais preço ao meu livramento, cavalleiro; não vendais um acto de generosidade; protegei um opprimido pela grandeza d'alma, e não por um sentimento d'egoismo. Correi aos pés do throno; o rei não ha de recusar o receber a minha appellação contra a sentença d'estes homens crueis.

— Jámais, Rebecca, replicou o templario com soberba: se renunciar a minha ordem, ha de ser só por ti. Se não poder satisfazer o meu amor, restar-me-ha a ambição. Não quero perder por todos os lados. Abaixar-me diante de Ricardo! Sollicitar um favor d'aquelle coração orgulhoso! não, jámais porei a seus pés a ordem do templo. Renunciarei talvez a ella, mas não a atraiçoarei, nem a aviltarei.

— Digne-se emfim Deus de me sustentar, pois que pouca protecção tenho que esperar dos homens!

— E verdade, Rebecca; pois que apezar de serdes altamente soberba, eu o não sou menos do que vós. Se acaso entrar na liça, com a lança empunhada, não julgueis que possam haver considerações humanas que me impeção de me mostrar digno da minha fama. Pensai então na sorte que vos espera. Morrer da morte dos maiores criminosos! ser consumida lentamente em um brazeiro ardente, e reduzida a cinzas que serão expostas ao ludibrio dos ventos! De tantos attractivos que a vista affagam com prazer, nada restará de que se possa dizer: Eis o que pertencia áquelle corpo tão cheio de graças e de perfeição! Rebeca, o coração d'uma mulher não póde suster um tal quadro: tu deves ceder ás minhas supplicas.

— Bois-Guilbert, respondeu Rebecca, ou não sabes tudo quanto póde uma mulher, ou então nunca conhecestes senão as que tinham perdido os nobres sentimentos da natureza. Sabe, soberbo templario, que nas batalhas mais sanguinarias nunca d'estes maiores provas da tua coragem tão affamada, como podem dar as mulheres quando o dever ou a affeição lh'as ordena. Sou uma mulher educada com todos os cuidados da ternura, timida naturalmente, e pouco acostumada aos soffrimentos; comtudo quando entrarmos na liça fatal, tu para combater, e eu para morrer d'essa morte que pintas tão cruel, tão terrivel, sinto em mim tão firme resolução que o meu animo excederá o teu. Adeus, já não tenho mais palavras, que esperdiçar comtigo. O pouco tempo, que ainda resta á filha de Jacob para passar sobre a terra, deve ser empregado differentemente: ella deve procurar aquelle que consola, aquelle que póde desviar os olhos de cima do seu povo, mas que nunca fecha os ouvidos aos rogos dos que o procuram com sinceridade, e com verdade.

— E é assim que nós devemos separar! disse Bois-Guilbert depois de um instante de silencio. Quizera o céu que nunca nos tivessemos encontrado, ou que fosses nobre de nascimento, e christã de religião.

(Continua.)

CORREIO DE LISBOA

1 DE FEVEREIRO DE 1889.

Está terminada a lucta que embaraçava os poderes publicos, e que envergonhava o paiz. O conselho d'Estado, que se reuniu hoje no paço da Ajuda sob a presidencia d'El-Rei, votou o adiamento das camaras até 5 d'abril, que é o praso que vae além do termo legal da sessão. Estão pois fóra da representação nacional os homens que tanto fizeram para prejudicar o systema parlamentar. No conselho não houve difficuldades a vencer. O sr. Antonio de Serpa combateu o adiamento, mas inutilmente, pois que da conveniencia e da alta razão d'elle estavam todos convencidos. Votaram tambem contra os srs. Corvo, e *mansamente* o sr. Barjona de Freitas. Votaram a favor os srs. condes de Casal Ribeiro, de Valbom, João Chrisostomo, Luciano de Castro, visconde de S. Januario e Carlos Bento da Silva.

Agora que descancem em paz os que da sua existencia parlamentar tão tristes recordações deixaram.

Na camara alta houve sessão importante. O sr. Hintz Ribeiro, o chefe vizivel e conhecido das arruaças dentro e fóra do parlamento, perguntou ali ao sr. ministro dos estrangeiros se era verdade estar reunido o conselho d'Estado para ser consultado sobre o adiamento das camaras. A resposta não se fez esperar e d'ahi proveio uma discussão em que o sr. visconde de Moreira de Rei deu uma tremenda sóva nos arruaceiros de dentro e de fóra do parlamento—affirmando que sempre que a ordem publica precisasse do seu voto para se sustentar, estava ao lado de quem procurasse mantel-a. A allusão era clara e o golpe terrivel.

A discussão alongou-se não permittindo que a camara tratasse d'outros assumptos, que ficaram addiados para segunda-feira, como a substituição dos recrutas de 1887 por 50:000 reis e outros de não menos importancia.

Na camara electiva não houve sessão por falta de numero.

— O sr. presidente do conselho teve hontem uma conferencia com o sr. Andressen, que tambem solliciton uma conferencia com o sr. ministro da justiça, como deputado pelo Porto. O sr. presidente do conselho disse que não entrava em nenhuma transacção ou accordo de conciliação, emquanto os commerciantes e donos de tanoarias e barcas se mantiverem n'uma situação anormal e contraria á ordem publica. Cessando essa attitude, o governo está resolvido a procurar de commum accordo uma solução, que concilie os interesses dos commerciantes com os dos lavradores, que por sua parte se mostram dispostos a todas as transacções rasoaveis. O sr. Andressen prometteu que hoje se abririam os armazens em Villa Nova de Gaya, aguardando o procedimento do governo. E' sabido que os regeneradores fazem todos os esforços para irritar os animos e impedir qualquer accordo satisfatorio, que lhes tire a perspectiva de poderem pescar nas aguas turvas.

— São exactas as informações dadas na minha ultima carta, a respeito das extraordinarias declarações do sr. Antonio de Serpa, na camara dos pares, sobre as Companhias Vinicolas. O sr. Serpa declarou que apoiava as companhias do centro e do sul, mas que combatia a Companhia do Norte, porque essa iria prejudicar valiosos capitaes compromettidos no Porto, no commercio de vinhos. Esta distincção é odiosa e ainda mais pela crueza, com que se sacrifica aos homens de dinheiro a justiça dos lavradores afflictos. E' assim que as declarações do sr. Antonio de Serpa se encontram nos extractos parlamentares dos jornaes. Vejam como é falto de sinceridade e lealdade o procedimento d'estes politicos interesseiros, que andam sempre a fallar contra syndicatos e negociantes de ganancia, e que não teem rebuço em declarar que desprezam a agricultura opprimida e o Douro arruinado para prejudicarem os ricaços do syndicato dos vinhos. E a respeito de sellagem declarou mais o sr. Antonio de Serpa, que nada tinha dito anteriormente, parecendo assim renegar a declaração auctorisada por elle e lida na Associação Commercial. No fluctuar das suas ambições, não teem firmeza nem ideias fixas. Uma miseria!

— Havia quem pozesse em duvida a dedicação partidaria do illustre escriptor o sr. Antonio Ennes, e este cavalheiro responde a um jornal serpaceo d'aqui, no seu n.º de 30, nos seguintes termos:

»Em resposta ao nosso artigo de hontem, o *Correio da Manhã* pergunta porque não vae á camara o sr. Antonio Ennes. Não tem ido á camara porque não tem nada que dizer sobre o *modo de propôr* requerimentos, nem sobre as questões politicas, absolutamente estereis, que lá se discutiram até agora; ha de lá ir, porém, quando se tractar de assumptos de interesse publico, como as questões agricolas. O sr. Antonio Ennes não tem a pretensão de metter juizo na cabeça de quem quer que seja, e não é obrigado a desperdiçar o tempo assistindo, como espectador impotente, á exauctoração do regimen parlamentar. Hoje, porém, teria ido protestar com a maioria contra os processos da opposição, se um doloroso incommodo de saude o não obrigasse a resguardos e a uma quasi immobilidade. Está soffrendo um ataque de rheumatismo, que mal lhe permittiu vir sentar-se á carteira da redacção.»

Esta declaração tão positiva e tão formal tira de duvidas quem as podesse ter alimentado. Eu nunca as tive.

— Chegou a Lisboa o digno par do reino o sr. Manuel Paes Villas Boas.

— Está quasi restabelecida a ex.ma sr.ª D. Maria Emilia Seabra de Castro, esposa do nobre presidente do conselho. S. ex.ª já hontem saiu do quarto. Dou esta noticia com prazer, porque venero profundamente esta tão respeitavel senhora.

— Foi exonerado a seu pedido de governador civil de Portalegre, o sr. João Freire Themudo d'Oliveira; e nomeado governador civil de Angra do Heroismo o sr. Visconde de Nossa Senhora das Merces, que era governador civil substituto.

— Determinou-se que regressem immediatamente ás respectivas dioceses os sacerdotes do ultramar que se acham ausentes dos seus logares sem motivo justificado.

— Os proprietarios e negociantes Bernardino Leite de Faria e Manuel Fernandes de Oliveira, residentes no Porto, pediram auctorisação ao governo para poderem assentar em parte da estrada de circumvallação d'aquella cidade um caminho de ferro de via reduzida, que partindo de Leixões percorra os sitios mais populosos das freguezias de Nevogilde, Ramalde, Paranhos, Rio Tinto e parte do concelho de Gondomar, terminando na Foz do rio Sousa.

— Vae ser posto a concurso o logar de juiz municipal do julgado de Villa Nova de Cerveira.

— A companhia franceza vae brevemente ao Porto dar 15 recitas; parece que n'este intervallo será substituida por uma companhia hespanhola, seguindo-se uma outra allemã, já contractadas.

— Espera-se que por todo o mez de março seja aberto á exploração o caminho de ferro do Algarve. Falta apenas concluir cerca de 2 kilometros de linha. Os tunneis estão já todos promptos.

— Chegou hontem o sr. conde de Paris que parte para Inglaterra no vapor *La Plata*. Jantou hontem no paço.

— Foram agraciados com a grã-cruz da imperial ordem da Rosa do Brazil os srs. presidente do conselho e ministro dos estrangeiros.

— O sr. ministro da fazenda concedeu o adiamento ao pagamento da contribuição industrial que lhe foi pedido pela camara municipal de Peniche.

— Foram nomeados recebedores: da comarca de Louzada, o sr. Luiz Pereira de Lencastre Sotto Maior e Menezes; e da comarca de Villa Verde, o sr. Damião J. Lopes de Carvalho.

— Foi addiado por falta de testemunhas o julgamento do auctor da revista apresentada ao commissario de policia e por elle processado.

— O *Diario* insere a portaria mandando louvar o commendador Victorino Rodrigues Ribeiro, natural de Aodellos, no concelho de Monsão, pelos serviços prestados á causa da instrucção.

— O transporte *India* sahiu hontem da quarentena para a Cova da Piedade. A bordo d'este navio vieram para S. M. a rainha ricos objectos da China, que lhe foram offerecidos pelos chins moradores em Macau, para serem vendidos a favor das victimas sobreviventes do sinistro do theatro Baquet, do Porto.

— O Tribunal do Commercio resolveu, na sua sessão de hontem, a favor da Companhia de seguros, a questão levantada por causa do seguro do palacio do sr. conde de Sobral, que havia sido comprado pelo governo para ahi ser estabelecida a secretaria do ministerio da justiça, e que ha tempos foi devorado por um incendio.

— O rendimento total das alfandegas, no mez de janeiro, foi de reis 1.382:000$000, mais 116:000$000 do que em igual mez do anno findo. E não está em execução o regulamento das sellagens. Se estivesse muito mais teria subido o rendimento aduaneiro.

— Os processos academicos instaurados contra os estudantes que promoveram as ultimas assuadas no Lyceu ficam promptos na proxima semana. Consta qué já se acham indiciados como auctores das assuadas 6 alumnos.

— Nos circulos diplomaticos causou profunda impressão o fallecimento do archi-duque Rodolpho d'Austria. O principe herdeiro agora é o irmão do imperador actual, e é casado com uma filha do sr. D. Miguel de Bragança. Sob este ponto de vista, aquelle acontecimento tem tambem algum interesse para a politica portugueza. O actual herdeiro da corôa passa por muito hostil á Allemanha e favoravel á Russia, o que faz temer graves complicações futuras.

— Em Demerara foi condemnado á morte um portuguez de nome Gonçalves. O governo portuguez interveio junto do inglez, e El-rei dirigiu um telegramma á rainha Victoria pedindo a intervenção da sua clemencia, em favor do condemnado. As auctoridades coloniaes inglezas são, porém, muito contrarias a estas commutações pois já em 1884 foi executado um subdito portuguez, apezar de analoga intervenção.

Y.

A' ultima hora.—E' positivo que o trabalho nos armazens de Villa Nova recomeçará na proxima segunda-feira. O sr. Andressen teve nova conferencia com o sr. presidente do conselho, e espera-se que o governo porá termo dentro de poucos dias á desinteligencia que se levantou no Porto, e a que a politica, e só ella, deu corpo.

— Foi collocado no quadro da magistratura judicial sem exercicio e com vencimento o juiz de direito da comarca de Oliveira d'Azemeis, o sr. José Maria de Lemos d'Almeida Valente. Vae para ali o sr. Coelho da Rocha, juiz em Valença.

— A junta consultiva d'obras publicas e minas deu parecer favoravel sobre a planta e orçamento da ponte de S. Geraldo em Bolfiar, no concelho d'Agueda e na estrada real de Aveiro a Tondella. E' uma obra calculada em 16:000$000 reis, obra devida aos esforços do digno deputado o sr. Albano de Mello. Este cavalheiro já partiu para a sua casa d'Agueda.

— Na segunda-feira ha reunião da maioria. Já se tem retirado alguns deputados.

— Foi remettido á direcção da 2.ª circumscripção hydraulica para informar o ante-projecto da ponte sobre o Vouga entre S. João de Loure e Eixo.

— Appareceu hontem de manhã morto, por suicidio, José Joaquim Vieira Barreto, caixeiro viajante da chapellaria Costa Braga, do Porto. Deixou um bilhete para a esposa dizendo: «adeus minha querida esposa, perdoa-me.» E' absolutamente ignorado o motivo que levou o infeliz áquella resolução.

— O sr. Abel de Mattos Abreu, juiz em Cabeceiras de Basto vae ser transferido para a Povoa de Varzim.

— As noticias que de toda a parte se recebem significam bem o enthusiasmo que em todos se manifesta pelo acto do governo, que poz termo á desordem parlamentar que nos estava envergonhando.

— Alguns capitalistas, receiando a queda do governo, foram hontem vender inscripções, que hoje com a certeza de que permanece no poder subiram logo de preço. Os vendedores estão arrependidos do que fizeram.

— O governo está forte e resolvido a não permittir que o poder e as auctoridades sejam desacatadas em qualquer parte, e honra lhe seja por isso.

— Vae ser promovido a juiz de segunda classe para a comarca de Trancoso, o sr. dr. Francisco Chrisostomo Meirelles d'Abreu e Souza, actualmente servindo na comarca de Melgaço.

— E' positivo que o principe Rodolpho da Austria se suicidou.

Y.

ANNUNCIOS E PUBLICAÇÕES LITTERARIAS

CONCURSO

PERANTE a Camara Municipal d'Aveiro está a concurso, por espaço de trinta dias, a contar da segunda publicação d'este annuncio no *Diario do Governo*, o partido de medicina e cirurgia, com séde n'esta cidade, e ordenado annual de reis 240$000, e as condições estipuladas pelo artigo 173.º do Codigo Administrativo.

Os concorrentes deverão apresentar os seus requerimentos, devidamente documentados, dentro do referido praso, e na Secretaria d'esta Camara.

Aveiro 31 de janeiro de 1889.

O Secretario da Camara
Francisco de Pinho Guedes Pinto.

ARREMATAÇÃO

PELO Juizo de Direito da comarca d'Aveiro, e cartorio do 5.º officio, e em virtude da execução hypothecaria que Anna Roza de Jezus, e seu segundo marido, da Ermida d'Ilhavo, movem a Francisco Fernandes da Silva e mulher, de Salgueiro, vae á praça no dia 17 do mez de fevereiro proximo, por 11 horas da manhã, no Tribunal Judicial da comarca, o predio seguinte, pertencente aos mesmos executados:

Uma morada de casas, aido de terra lavradia com arvores de fructo e mais pertenças, sitas no Salgueiro, no valor de 75$000 reis.

Pelo presente ficam citados quaesquer credores do cazal, para assistirem á arrematação, querendo.

Aveiro 26 de janeiro de 1889.

O escrivão interino
Antonio Dias da Silva.

Verifiquei—*A. Cortezão.*

E APROVEITAR

CASA LEÃO D'OURO

121, Rua Ferreira Borges, 127

COIMBRA

CAPAS E BATINAS DE PANO PRETO A 9$000!!!

O proprietario d'esta bem conhecida casa incumbe-se de as mandar fazer por aquelle preço e d'ahi para cima, para o que recebeu um magnifico sortimento de panos pretos.

Continua a responsabilisar-se pelo seu bom acabamento.

As pessôas que conhecem as
PILULAS
DO DOUTOR
DEHAUT
DE PARIS
não hesitam em purgar-se quando precisão. Não receiam fastio nem fadiga, porque ao contrario dos outros purgativos, este só obra bem quando é tomado com bons alimentos e bebidas fortificantes, como Vinho, Café, Chá. Quem se purga com estas pilulas póde escolher para tomal-as, a hora e refeição que mais che convier conforme suas occupações. A fadiga do purgativo sendo annullada pelo effeito da bra alimentação, si se decide facilmente a recomeçar tantas vezes quanto for necessario.
5 fr. • 2 fr. 50

CONTRA A TOSSE

Auctorisada pela Inspectoria Geral da Corte do Rio de Janeiro

XAROPE PEITORAL JAMES, unico legalmente auctorisado pelo Conselho de saude Publica, ensaiado e approvado nos hospitaes. Acha-se á venda em todas as pharmacias de Portugal e do estrangeiro. Deposito geral na Phormacia Franco & Filhos, em Belem. Os frascos devem conter o retrato e firma do auctor, e o nome em pequeaos circulos amarellos, marca que está depositada em conformidade da lei de 4 de julho de 1883.

Deposito em Aveiro—Pharmachia e Drogaria Medicinal de Ribeiro Junior.

GRANDE BAIXA DE PREÇOS

A COMPANHIA FABRIL SINGER

Acaba de fazer uma grande baixa de preços nas suas tão populares e acreditadas

MACHINAS PARA COSER

DEVIDO AO GRANDE
AUGMENTO DE FABRICAÇÃO QUE TEM TIDO

Além das 5 fabricas que já possuia, estabeleceu ultimamente uma grande fabrica em Kilbowie e que todas reunidas fabricam para cima de

TRINTA MIL MACHINAS SEMANAES

Peçam o novo catalogo que se ha publicado

CUIDADO COM AS IMITAÇÕES

75-Rua de José Estevão-79

AVEIRO

A PRESTAÇÕES

DE

500 RÉIS SEMANAES

A DINHEIRO COM GRANDE DESCONTO

Chamamos a attenção para a nossa machina de

LANÇADEIRA OSCILLANTE

A melhor que tem apparecido até hoje.
Não tem rival.
E' a rainha das machinas.
As machinas SINGER são as que tem obtido os primeiros premios em todas as exposições.

GARANTIA SOLIDA E POSITIVA

COMPANHIA FABRIL SINGER
75-Rua de José Estevão-79

AVEIRO

PAPIER WLINSI Remedio soberano paraa cura rapida d *affecções do peito, catarrhos, males da garganta, bronchites, resfriamentos, defluxo, rheumatismos, dores, etc.*; 20 annos de maior successo attestam a efficacia d'este excellente derivativo, recommenda do pelos primeiros medicos de Paris.

Deposito das pharmacias.—Em todas; Pariz, rue de Seine, 31.

200,000 Doentes curados de DEFLUXOS, TOSSE INSOMNIA, CRISES NERVOSAS PELO XAROPE do Dr FORGET Em todas as Pharmacias do Universo. Exija-se o endereço ao lado

36 Rue Vivienne CHABLE PARIS

300,000 Doente curados de GONORRHÉA, FLORES brancas, PERDAS SEMINAES, DEBILIDADE, ESGOTAMENTO, etc., etc. PELO CITRATO DE FERRO CHABLE Em todas as boas Pharmacias. Exija-se o endereço ao lado

ASPHALTO

MANUEL FERREIRA DA SILVA

Rua Nova de S. Domingos 97

PORTO

TEM grande deposito d'este generos já preparado ou por preparar e tambem o manda applicar nas obras, nas provincias, por ter os melhores applicadores d'este genero. Trata-se no Porto, ou em Aveiro com o sr. José Monteiro Telles dos Santos.

Largo da Cadeia

EMPREZA INDUSTRIAL PORTUGUEZA

NUMERO TELEPHONICO 168

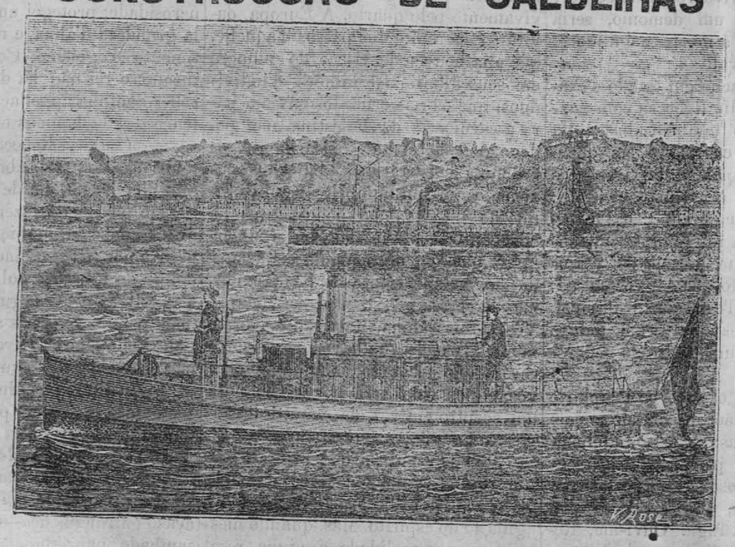
CONSTRUCÇÕES NAVAES COMPLETAS

CONSTRUCÇÃO E ASSENTAMENTO DE PONTES METALLICAS PARA ESTRADAS E CAMINHOS DE FERRO

CONSTRUÇÃO DE CANNOS, COLUMNAS E VIGAS, POR PREÇOS LIMITADISSIMOS

CONSTRUCÇÃO DE COFRES Á PROVA DE FOGO

CONSTRUCÇÃO DE CALDEIRAS



LANCHA de ferro a vapor, construida em 1883 nas officinas da Empreza Industrial Portugueza para serviço de reboques no Pará.

A EMPREZA INDUSTRIAL PORTUGUEZA, actual proprietaria da officina de construcções metalicas em Santo Amaro, encarrega-se da fabricação, fundição, construcção e collocação, tanto em Lisboa e seus arredores, como nas provincias, ultramar ou no estrangeiro, de quaesquer obras de ferro ou madeira, para construcções civis, mechanicas ou maritimas.

Acceita portanto encommendas para o fornecimento de trabalhos em que predominem estes materiaes, taes como, *telhados, vigamentos, cupulas, escadas, varandas, macnas a vapor e suas calderas, depositos para agua, bombas, veios, rodas para transmissão, barcos movidos a vapor completos, estufas de ferro e vidro, construcção de cofres á prova de fogo, etc.*

Para a fundição de columnas e vigas tem estabelecido preços dos mais resumidos, tendo sempre em depositos grandes quantidades de cannos de todas as dimensões.

Para facilicitar a entrega das pequenas encommendas de fundição tem a Empreza um deposito na rua de Vasco da Gama, 19 21, ao Aterro, onde se encontram amostras e padrões de grandes ornatos, e em geral o necessario para as construcções civis, e ioceendese tomam quaesquer encommendas de fundição.

Toda a correspondencia deve ser dirigida á Empreza Industrial Portugueza—Santo Amaro, LISBOA.

BERNARDINO, FIHOS & RIBEIRO

NEGOCIANTES E IMPORTADORES DE MADEIRAS

Possuem o mais vasto sortimento d'este genero por preços sem competencia.

39 a 55, Rua Nova do Caes do Tojo, 39 a 55

POÇO DO BORRATEM, 15

FERRO DE QUEVENNE

E' o ferro no estado **puro** e, desde 50 annos, reconhecido pelos Medicos do Mundo inteiro, o mais poderoso dos ferruginosos para curar: **ANEMIA, POBREZA do SANGUE, PERDAS BRANCAS, DORES de ESTOMAGO**, etc... Eis porque é uma das raras preparações approvadas pela

ACADEMIA DE MEDICINA DE PARIS.

DESCONFIE-SE
das IMITAÇÕES e FALSIFICAÇÕES impuras, inactivas, desleaes, vendidas barato.
EXIGIR, ALEM DA ASSIGNATURA DE *Quevenne*, O SELLO DA *"Union des Fabricants."*
Vende-se: 1º em *Pó*; 2º em *Grageas*.

Deposito Geral do Verdadeiro **FERRO de QUEVENNE**
(transferido desde o dia 2 de fevereiro de 1888): 8, Rue du Conservatoire, PARIS.

VINHO NUTRITIVO DE CARNE

Privilegiado, auctorisado pelo governo pela Inspectoria Geral da Corte do Rio de Janeiro e approvado pela junta consultiva de saude publica

E' o melhor tonico nutritivo que se conhece; é muito digestivo, fortificante e reconstituinte. Sob a sua influencia desenvolve-se rapidamente o apetite, enriquece-se o sangue, fortalecem-se os musculos, e voltam as forças.

Emprega-se com o mais feliz exito, nos estomagos ainda os mais debeis, para combater as digestões tardias e laboriosae, a dispepsia, cardialgia, gastro-dynia, gastralgia, anemia ou inacção dos orgãos, rachitismo, consumpção de carnes, affecções escropulosas, e em geral na convalescença de todas as doenças, aonde é preciso levantar as forças.

Toma-se tres vezes ao dia, no acto da comida, ou em caldo, quando o doente não se possa alimentar.

Para as creanças ou pessoas muito debeis uma colher das de sopa de cada vez; e para os adultos, duas a tres colheres tambem de cada vez.

Um calix d'este vilho representa um bom bife.

Esta dóse com quaesquer bolachinhas é um excellente *lunche* para as pessoas fracas ou convalescentes; prepara o estomago para acceitar bem a alimentação do jantar, e concluindo elle, toma-se igual porção de *toast*, para facilitar completamente a digestão.

Para avitar a contrafacção, os envolucros das garrafas devem conter o retrato do autor e o nome em pequenos circulos amarellos, marca que está depositada em conformidade da lei de 4 de junho de 1883.

Acha-se á venda nas principaes pharmacias de Portugal e do estrangeiro. Deposito geral na Pharmacia Franco & Filhos em Belem.

Deposito em Aveiro—Pharmacia e Drogaria Medicinal de Ribeiro Junior.

GARGANTA
VOZ e BOCCA
PASTILHAS DE DETHAN
Recommendadas contra as Doenças da Garganta, Extinc̃ões da Voz, Inflammações da Bocca, Effeitos perniciosos de Mercurio, Irritação corrente pelo fumo, e particularmente aos Srs. PREGADORES, PROFESSORES, e CANTORES para lhes facilitar a emissão da voz.
PREÇO: 600 REIS.
Exigir em o rotulo a firma
Adh. DETHAN, *Phien em PARIS.*

DOENÇAS SECRETAS
CAPSULAS RAQUIN
APPROVADAS PELA ACADEMIA DE MEDICINA DE PARIS
ESTAS CAPSULAS CURAM SEM EXCEPÇÃO OS FLUXOS AGUDOS OU CHRONICOS. 100 CURAS EM 100 DOENTES
Tratados pela Academia.
COMPLEMENTO do tratamento pela
INJECÇÃO RAQUIN
MUITO UTIL TAMBEM COMO PRESERVATIVO
Exija-se a Assignatura RAQUIN e o Sello official do Governo Francez.
FUMOUZE-ALBESPEYRES, 78, Faub.g St Denis, PARIS
E TODAS AS PHARMACIAS.

PILULAS DE BLANCARD
IODURETO de FERRO INALTERAVEL
NOVA-YORK 1853 — PARIS 1855
Approvadas pela Academia de Medicina de Paris. Adoptadas pelo Formulario official francez. Autorisadas pelo Conselho medico de São-Petersburgo.
Estas pilulas, em que acham-se reunidas as propriedades do **Iodo** e do **Ferro**, convêm especialmente nas doenças tão variadas que são a consequencia do germe escrofuloso (*tumores, enfartes, humores frios*, etc.), doenças contra as quaes os simples ferruginosos são ineficazes; na **Chlorosis** (*palidez das mensas não menstruadas*), a **Leucorrhea** (*fluores brancos ou flux alvo*), a **Amenorrhea** (*Menstruação nulla ou difficil*), a **Tisica**, a **Syphilis constitucional**, etc. Emfim, offerecem aos medicos um agente therapeutico dos mais energicos para estimular o organismo e modificar as constituições lymphaticas, fracas ou debilitadas.
N. B. — O iodureto de ferro impuro ou alterado é um medicamento infiel, irritante. Como prova da pureza e authenticidade das verdadeiras **Pilulas de Blancard**, exija-se o nosso sello de prata reactiva, o timbre da *Union des Fabricants* e a nossa assignatura aqui juncto.
Blancard
Pharmac^n em Paris, rue Bonaparte, 40
DESCONFIE-SE DAS FALSIFICAÇÕES

A FORMOSA CONSPIRADORA

ROMANCE MODERNO

POR

PIERRE ZACCONE

Com illustrações a chromo-lithographia e gravura

Condições de assignatura:—O romance *A Formosa Conspiradora* compor-se-ha de 5 volumes de regulares dimenções, illustrados com 5 primorosas estampas chromo-lithographadas e 21 gravuras. A estampa colorida correspondente ao 1.º volume, é offerecida gratuitamente a todos os assignantes.

Lisboa e Porto.—Cada semana serão distribuidas 6 folhas de 8 paginas in-8.º francez, ou 48 paginas, pelo preço de 60 reis, pagos no acto da entrega. Nas semanas em que as entregas forem acompanhadas de estampas, receberão os assignantes de Lisboa 5 folhas ou 40 paginas, apenas.

Provincias.—A assignatura será, como até agora, paga adeantadamente, na razão de 120 reis, cada fasciculo, franco de porte de 12 folhas ou 11 folhas e 1 estampa. As remessas para a provincia são feitas de duas em duas semanas.

LIVRARIA
DE
MELLO GUIMARÃES

AVEIRO

JULIO CESAR MACHADO
Mil e uma historias..... 700
MARIA A. VAZ DE CARVALHO
Alguns homens do meu tempo..... 700
FERNANDES COSTA
O livro das soledades—Echos da Andaluzia..... 600
EDUARDO COELHO JUNIOR
Retalhinhos—Contos Originaes..... 500
Regulamento da contribuição industrial approvado por decreto de 27 de dezembro de 1888..... 100
Almanach Illustrado do Occidente para 1889..... 200
Dito Illustrado por F. Pastor.. 200
Novo Almanach de Lembranças, Luso Brasileiro, para o anno de 1889:
Cartonado 320
Brochado 240
Codigo Commercial approvado por carta de lei de 28 de junho de 1888 e seu reportorio alphabetico, encadernado..... 360
Brochado..... 240
GUIOMAR TORRESÃO
Almanach das Senhoras, para 1889.. 240
ALBERTO PIMENTEL
Atravoz do passado..... 500

GRAMMATICA INGLEZA

POR

JACOB BENSABAT

Para uso dos lyceus

No *Diario do Governo*, de 12 do corrente, vem uma rectificação á lista dos compendios approvados para os lyceus, pela qual se corrige o equivoco que se deu na publicação da referida lista em que fôra publicado o titulo de *Methodo grammatical*, por Bensabat, em vez do verdadeiro titulo do livro, que é *Grammatica ingleza, theorica e pratica*, por Jacob Bensabat.

Corrigido d'esta forma officialmente no *Diario* o equivoco, vê-se que a *Grammatica ingleza*, por Bensabat, um dos melhores trabalhos d'este auctor, faz parte dos livros approvados para o ensino do inglez nos lyceus.—Porto, 15 de novembro de 1888.

A FORMOSA CONSPIRADORA

Ultima producção de Pierre Zaccone, em cinco volumes, illustrados com 5 chromo-litographias e 21 gravuras.

Traducção de A. M. da Cunha e Sá.

10 reis cada folha, 10 reis cada chromo, 10 reis cada gravura. Lisboa e Porto, 60 reis por semana, pagos no acto da entrega. Provincias, 120 reis, de duas em duas semanas, pagos adiantadamente.

Assigna-se na casa editora David Corazzi, rua da Atalaya, 42, Lisboa.

AO CLERO

J. J. DE MESQUITA PIMENTEL, correspondente em Portugal das principaes livrarias estrangeiras, acaba de receber os *Officios* e *Missas do SS. Rosario*, em todos os formatos e para todas as edições de *Missaes, Breviarios* e *Diurnos*.

Acaba de receber tambem um grande e variadissimo sortido de *Missaes, Breviarios, Diurnos, Rituaes*, etc., etc. Tudo novissimas edições e em todos os formatos, *Sacras, medalhas, contas, estampas*, etc.

P. S.—N'esta casa encontra-se sempre um sortido completo dos compendios adoptados nos differentes seminarios, lyceus, collegios, etc., do paiz.

Pedidos á Livraria Mesquita Pimentel—PORTO.

CODIGO ADMINISTRATIVO

Approvado por Decreto de 27 de julho de 1886. Precedido do respectivo relatorio e com um appendice, contendo toda a legislação relativa ao mesmo codigo, publicado até hoje, incluindo os regulamentos para a serviço dos expostos e abandonados, e a arrecadação dos impostos directos e indirectos municipaes e parochiaes, e a tabella dos emolumentos do Supremo Tribunal Administrativo e seguido de um reportorio alphabetico.

Quinta edição. Preço, brochado, 300; encadernado, 460 reis. Pelo correio franco de porte a quem enviar a sua importancia em estampilhas ou vales do correio á Livraria—Cruz Coutinho—Editora, Rua dos Caldeireiros, 18 e 20—PORTO.

TYPOGRAPHIA AVEIRENSE

Largo da Vera-Cruz

AVEIRO